



ANNE BISHOP



Despertar do Crepúsculo

Tradução de Cristina Correia

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*A todos os leitores
que me acompanharam nesta viagem.*

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o sítio da Web, a Nadine Fallacaro e Julie Green por responderem a questões da área da medicina, a Jennifer Jackson e Anne Sowards pelo contínuo entusiasmo demonstrado pelas histórias das *Jóias Negras*, a David Rapkin e John Sharian por darem vida às personagens no livro áudio e a Pat Feidner simplesmente por que sim.



ÍNDICE

PRENDAS DE WINSOL_13

CAMBIANTES DE HONRA_81

FAMÍLIA_241

A FILHA DO SENHOR SUPREMO_303

JOIAS

Branca
Amarela
Olho-de-Tigre
Rosa
Azul-celeste
Violácea
Opala
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinzenta
Ébano-Acinzentada
Negra

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Joia de Direito por Progenitura.

EXEMPLO: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

Plebeu — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue macho dos Sangue — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Joias Senhor da Guerra — macho que usa Joias cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira.

Príncipe — macho que usa Joias cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira.

Príncipe dos Senhores da Guerra — macho que usa Joias perigoso e extremamente agressivo; o respectivo estatuto encontra-se ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

Plebeia — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue fêmea dos Sangue — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; habitualmente designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias Feiticeira — fêmea dos Sangue que usa Joias mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

Curandeira — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe.

Sacerdotisa — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe.

Viúva Negra — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos.

Rainha — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade.



PRENDAS DE WINSOL

Esta história decorre a seguir aos acontecimentos de Joia Perdida

UM

Daemon Sadi, Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra de Dhemlan, atravessou a ponte que marcava o limite entre propriedade privada e terrenos públicos. De um lado da ponte encontrava-se o caminho para o Paço dos SaDiablo, residência da sua família; do outro lado começava a estrada pública que levava à povoação de Halaway.

Fofinho cobria de neve o fundo das suas calças enquanto caminhava para a povoação numa ditosa solidão. Obviamente que se vira obrigado a sair sorrateiramente da sua própria casa para *poder* ficar sozinho, reconhecendo que era um pouco estranho que o macho mais poderoso do Reino de Kaeleer tivesse de sair à sorrelfa de modo a evitar três metediços cachorros sceltitas. Não importava que estivesse a permitir a pequenas bolas de pelo que ditassem as suas ações ao invés de recorrer à sua posição e poder para fazer o que bem entendesse. Naquele momento, naquele local e àquela hora, estava sozinho numa manhã fria de Inverno, e era *isso* que interessava. Ninguém a queixar-se de ter as patas frias. Ninguém a queixar-se de que andava muito depressa. Ninguém a resmungar por não parar constantemente para poderem farejar odores tão interessantes.

Ademais, ninguém iria amuar por recusar-se levá-lo ao colo, com o pelo molhado sob o seu casaco e junto à camisa branca de seda.

Solidão. Felicidade. E alegria, caso a sua mãe tivesse criado o presente que lhe pedira para fazer.

O Winsol estava quase a chegar. Aqueles treze dias eram a celebração das Trevas — bem como uma celebração da Feiticeira, o mito vivo, os sonhos tornados realidade.

Seria o seu primeiro Winsol como soberano do Território de Dhemlan, a terceira celebração desde que residia em Kaeleer. No primeiro ano, ainda

se encontrava mentalmente fragilizado devido aos anos em que vagueara pelos caminhos do Reino Distorcido, perdido na loucura da culpa e do pesar. Naquele primeiro ano, também se perdera no maravilhamento de voltar a encontrar Jaenelle Angelline, viva e incólume — ainda capaz de o amar.

No segundo ano, fora ela que estivera assustadoramente fragilizada. Libertara todo o seu poder para impedir uma guerra entre Kaeleer e Terreille que teria destruído ambos os Reinos — acabando por destruir o seu corpo com tal feito. Não teria sobrevivido — não teria caso os parentes e a Teceadeira de Sonhos não tivessem feito o impossível e recriado o mito vivo, a Rainha que era a Feiticeira.

Contudo, naquele ano, ele e Jaenelle estavam juntos, casados e a maior das preocupações que pairava sobre as suas cabeças era a quantidade de convites a festas e convívios públicos que tinham de aceitar para que ele cumprisse os seus deveres como soberano de Dhemlan.

Avançou pelas ruas tranquilas de Halaway, reparando nas luzes que se viam nas janelas da maioria das casas. A neve ainda não estava marcada por muitas pegadas nem rodas de carruagens, mas em breve os mercados haveriam de abrir as lojas, pessoas e carruagens haveriam de encher os passeios e as ruas, e a pequena povoação entraria no bulício de mais um dia de preparativos festivos.

Ao aproximar-se da casa de campo onde vivia a sua mãe, Tersa, examinou o caminho até à casa dela e o caminho da casa que ficava mais próxima, ocupada por Manny, uma idosa que considerava sua amiga mais do que antiga serviçal. Sorriu e, recorrendo à Arte, tratou da neve enquanto deslizava pelo caminho até chegar à porta e bater.

Esperou um minuto e voltou a bater.

À terceira vez, colocou um pouco de impaciência e Arte no gesto de levar os nós dos dedos à madeira, garantindo que o som ressoaria pela casa como um trovão.

Pouco depois, a porta abriu-se repentinamente, enquanto a jovem mulher do outro lado resmungava:

— Se não vem ninguém abrir a porta, podiam perceber que é muito cedo para...

Pestanejou defronte dele. Daemon sorriu à assistente Viúva Negra que vivia com Tersa no âmbito da sua formação.

— Senhora Allista — cumprimentou educadamente.

— Príncipe Sadi. — O tom da mulher não revelou idêntica cortesia. Tendo em conta quem e o que ele era, não podia fechar-lhe a porta na cara.

No entanto, queria fazê-lo.

Obviamente, Allista fazia parte do grupo de mulheres que não tinham

bom acordar. Não fazia mal. Ao longo dos meses casado com Jaenelle, aprendera o valor de ter alguns truques na manga no que respeitava a lidar com feiticeiras que acordavam maldispostas — e tinha-se tornado especialista em todos.

— A Tersa pediu-me que viesse bem cedo — disse, passando por Allista. — Como parece que não acertei na hora, que tal se preparasse o pequeno-almoço às duas?

Despiu o sobretudo, fazendo-o desaparecer, enquanto prosseguia pelo corredor até à cozinha, não dando oportunidade a que Allista respondesse.

Muito bem. Tersa não lhe dissera para ir assim *tão* cedo, mas certamente já estaria acordada — e ele queria escapar-se com a prenda que lhe pedira antes de andarem muitas pessoas na rua.

— Bom-dia, minha querida — disse ao entrar na cozinha.

Tersa, que estava junto à bancada, virou-se e ficou a olhar para ele por um instante. Depois sorriu.

— É o menino. É o meu rapaz.

O rapaz dela. A sua mãe era uma Viúva Negra quebrada, perdida na loucura a que os Sangue chamavam Reino Distorcido. Perdida em sonhos e visões — e nos pedaços estilhaçados da sua mente. Lembrava-se dele como a criança que fora antes de lhe ter sido retirado. Recordava-se dele como o jovem que voltara a encontrá-la mas que desconhecia quem ela era. Por vezes, lembrava-se dele como o homem que era presentemente. Porém, não importava como o via num determinado dia pois era sempre o seu menino. O seu rapaz.

— Vim preparar-te o pequeno-almoço — disse Daemon. Mostrou-lhe o seu melhor sorriso de rapaz traquina. — E para falar de prendas.

Semicerrou os olhos como se estivesse prestes a argumentar. Acabou por encolher os ombros e regressou ao que estava a fazer na bancada da cozinha.

— Há toucinho fumado e ovos e pão para torradas.

— Isso tem ar de pequeno-almoço — disse Daemon. — Como queres os ovos?

Hesitou — levando Daemon a cogitar se seria capaz de responder ou se a mente dela virara por outro caminho, demasiado longínquo para assuntos tão banais como toucinho fumado e ovos.

— Gosto deles mexidos — acabou por dizer.

Rodeou-a com um braço e encostou os lábios com delicadeza à têmpora da mãe, sentindo todo o amor que sentia por ela a brotar e a apertar-lhe o coração.

— Eu também.

...

Lucivar Yaslana bateu as asas para trás, pousando delicadamente no caminho em frente da casa de campo de Tersa. Olhou para a casa à sua frente e depois para a casa vizinha.

Manny passara grande parte da vida como serviçal e estava habituada a trabalhar com as mãos, pelo que não se esquivava ao trabalho físico. Assumira até os deveres de governanta da casa de Tersa e Allista, uma situação que satisfazia as três mulheres. Contudo, Manny já não era, nem de perto, uma mulher jovem, e parecia-lhe demasiado cedo para ter andado a varrer os caminhos.

Não tinham sido varridos, apercebeu-se ao examinar o contorno preciso e perfeito que dividia o relvado coberto de relva do caminho limpo. Nem sequer uma feiticeira doméstica conseguiria aquele contorno. Pelo menos, não o conseguiria com uma pá ou uma vassoura. Por isso, alguém usara Arte para remover a neve.

Acocorou-se, estendeu a mão e sentiu o ar morno.

Depois de limpar, alguém colocara um feitiço de aquecimento nas lajes para as manter sem neve.

A porta da casa de campo abriu-se e esse *alguém* saiu.

Lucivar levantou-se e olhou vincadamente para os caminhos e depois para Daemon.

— Sabes, Bastardolas, recorrer à Arte é muito bom e aconselha-se, mas não te fazia mal nenhum transpirar um pouco uma vez por outra.

— Pois se vou transpirar por causa de uma mulher, tem que ser a fazer algo mais do que varrer o passeio — retorquiu Daemon.

Lucivar mostrou um grande sorriso.

Eram irmãos. Meios-irmãos, embora nunca fizessem tal distinção. Ambos evidenciavam as colorações das três raças de longevidade prolongada — o cabelo preto, pele moreno-clara e olhos dourados. Tinham herdado muito do aspeto do pai haylliano, que era o Senhor Supremo do Inferno. O rosto de Daemon era mais aprimorado, uma bela versão do rosto de Sae-tan, enquanto o seu próprio rosto era mais rude do que o do pai. Porém, a verdadeira distinção entre si e Daemon provinha do outro lado da herança dupla. Possuía as asas escuras e membranosas que distinguiam a raça eyriena dos Sangue hayllianos e dhemlanos.

Observaram-se atentamente por um momento até que a boca de Lucivar se curvou num sorriso indolente e arrogante.

— Acordaste cedo — disse Lucivar, dando os últimos passos que os separavam.

— Tu ainda acordaste mais cedo, visto que vieste de Ebon Rih — respondeu Daemon. Deves ter partido de madrugada.

Lucivar abanou a cabeça.

— Eu vivo mais para oriente; o sol nasce mais cedo. Mas, de facto, levantei-me de madrugada.

— Por opção?

— Fogo do Inferno, claro que não, mas o monstinho levanta-se com as galinhas e eu sinto-me menos culpado por ter que deixar a Marian a segurar a trela o resto do dia se a deixar dormir um pouco mais.

— Como está o meu querido sobrinho? A contar os dias que faltam para o Winsol?

— Um de nós está a contar os dias, é verdade — disse Lucivar entredentes. Sorriu ameaçadoramente em resposta à gargalhada de Daemon. — O ano passado, o Winsol foi algo que simplesmente surgiu e que o deixou deslumbrado. Este ano já percebeu que o Winsol está a chegar.

— Ah.

— Aaaah, pois é. Por isso, todas as manhãs salta para a nossa cama, força-me a abrir os olhos e diz: — Papá! Já é Winzel?

Os lábios de Daemon formavam um sorriso, mas os seus olhos dourados transpareciam um profundo entendimento.

— Não podes colocar um escudo em redor da cama?

— Já tentei. Infelizmente, um escudo que o mantenha fora também mantém a Marian de fora. Não gostou nada de embater num escudo quando regressou à cama depois de ir fazer chichi.

— Lucivar.

Ouviu a preocupação de Daemon envolvida naquela singela palavra.

— Coloquei um escudo leve em redor do quarto de Daemonar que me desperta se ele começar a vaguear — disse. Aquele escudo tornara-se presentemente numa precaução necessária para manter o filho a salvo — dele. Um Príncipe dos Senhores da Guerra era um predador nato, um assassino natural. Um Príncipe dos Senhores da Guerra que acordava sobressaltado não pensava: atacava. Na primeira manhã que Daemonar lhe saltara para cima, o odor físico e psíquico do rapaz penetrara-lhe no cérebro toldado pelo sono tão depressa que lhe permitiu reprimir o que poderia ter sido um golpe fatal.

A presença de Marian não o incomodava. Estava tão impregnado na sensação que ela transmitia que podia tocar-lhe, montá-lo, fazer-lhe praticamente tudo antes de despertar por completo sem que isso lhe provocasse aquela ascensão letal à orla assassina. Porém, Daemonar era macho, era Príncipe dos Senhores da Guerra e tinha amadurecido nas últimas semanas a tal ponto que os instintos agressivos de Lucivar reconheciam primeiro a casta e depois o filho.

Por conseguinte, embora deixasse que o rapaz se divertisse a abrir-lhe os olhos, Lucivar estava sempre acordado e consciente antes de Daemonar entrar no quarto.

Olhou nos olhos do irmão e soube que não precisava de acrescentar mais nada.

De seguida, Daemon olhou vincadamente para a casa de campo de Tersa, levantando uma sobrancelha como se estivesse a fazer uma pergunta — ou a exigir uma explicação.

— Não tens nada a ver com isso, Bastardolas — foi a reação de Lucivar.

Não tinha e ambos sabiam disso. Mas também sabiam quão protetor era o sentimento de Daemon em relação a Tersa e, no passado, revelara-se brutalmente eficaz a lidar com homens que tinham demonstrado por ela um interesse equivocado.

Além disso, também sabiam que, em Terreille, Lucivar Yaslana ganhara a fama de imprevisível, incontrollável e explosivamente violento no que às mulheres dizia respeito, por isso a preocupação que Daemon demonstrava por ver o irmão a passar algum tempo com a sua mãe não era infundada.

— Bom — disse Daemon após um momento constrangedor. — É melhor voltar para o Paço antes que toda a gente acorde.

Lucivar fez um aceno com a cabeça.

— Nós aparecemos lá para o final da semana para te ajudar e à Jaenelle a prepararem o Paço para o Winsol.

— A preparar o quê?

Lucivar pestanejou, decidiu que Daemon não se estava a armar em espartinho e olhou para o irmão com uma expressão compadecida.

— Como estou casado há mais tempo do que tu, aceita este conselho: nunca faças perguntas dessas. Só servem para te deixarem em maus lençóis.

Daemon bufou.

— Temos serviçais no Paço. *Muitos* serviçais. Eles é que estão a preparar tudo.

O ar compadecido deu lugar a um sorriso maléfico.

— Tens *mesmo* muito a aprender.

— Não, a sério. Ainda não colocaram as folhagens frescas porque isso faz-se no primeiro dia de Winsol, mas ontem a Helene tirou o que parecia um século de decorações acumuladas no sótão do Paço. Fogo do Inferno, uma das jovens criadas até pôs sininhos nos cachorros sceltitas.

— Os cachorros entraram a tinir no gabinete para se queixarem? — perguntou Lucivar.

— Claro. Até que as crias de lobo decidiram que os sininhos tinham a sua graça. Por isso, agora tenho cachorros sceltitas aos saltos pelo salão principal com sininhos postos enquanto as crias de lobo uivam.

— Os teus convidados vão ser recebidos por uivos acompanhados por sininhos? — Interpretando a expressão de Daemon corretamente, Lucivar

acrescentou: — Se tentares dar-me um calduço, vais acabar estatelado no chão.

Daemon cerrou os olhos com força, dizendo entredentes:

— Talvez possa fugir de casa.

— Não temos autorização para o fazer. Acredita em mim. Podemos esconder-nos por uma ou duas horas, mas não podemos fugir às festividades.

— Quem disse?

— As mulheres com quem casámos.

Daemon suspirou.

— Seria a vida mais simples quando éramos escravos em Terreille?

— De certa forma, sim, era mais simples. Mas não era tão divertida. Até daqui a uns dias.

Lucivar deu um passo ao lado para que Daemon passasse. Optando pela cautela, pois também o Sádico era merecedor da sua fama, ficou à espera que Daemon desaparecesse, contemplando aquele suave andar deslizando e a graciosidade felina a cobrirem uma grande distância em pouco tempo. Aproximou-se da casa e bateu à porta.

Allista, lembrando uma gata que fora mergulhada numa tina de água e depois penteada no sentido contrário dos pelos, hesitou antes de o deixar entrar.

— A jovem feiticeira ainda está ensonada — disse Tera quando ele entrou na cozinha. — Já os rapazinhos começam o dia bem cedo para fazerem todas as suas tarefas de rapazinhos.

Noutro dia qualquer, teria sido interessante descobrir o que Tera considerava “tarefas de rapazinhos”, no entanto, era crucial que um deles se mantivesse concentrado e teria de ser ele.

A sua mente estilhara-se séculos atrás, ainda que Tera permanecesse genial à sua maneira, poderosa à sua maneira. Abdicara da sanidade para recuperar a Arte da Ampulheta e conseguia retirar poder da loucura de formas que nem Saetan conseguia descortinar.

Lucivar amava-a. Era simples. Tinha começado por fazer aquelas visitas quinzenais pela mesma razão que as fazia à sua própria mãe, Luthvian — como obrigação familiar. Contudo, ao contrário de Luthvian que odiara o filho devido ao legado que lhe transmitira, Tera aceitara as asas e o facto de que era guerreiro eyrieno até ao tutano. Não o criticava pelo que era — ou pelo que não era. Não o atacava fisicamente nem por palavras. Podia sentar-se na cozinha dela e desfrutar da sua companhia e ela parecia apreciar a companhia dele.

Devia ter contado a Daemon acerca das visitas. Talvez não o devesse ter feito aquando da chegada de Daemon a Kaeleer, uma vez que Sadi tinha muito com que se preocupar na altura, mas devia ter feito alguma referên-

cia ao assunto logo que se proporcionasse, ao invés de lançar essa informação algumas semanas atrás enquanto lidavam com aquela maldita casa arrepiante que fora criada para encurralar, e matar, alguns membros da sua família. Não sabia bem o que o levara a manter o silêncio. Quiçá tivesse tido medo que lhe fosse pedido para se afastar? Afinal, Tersa era mãe de Daemon, não era sua mãe, e quando o filho verdadeiro estava presente, não havia necessidade de substituto. Ou quiçá, tal como o seu pai, tivesse caído no hábito de deixar de mencionar as relações que pudessem dar a Luthvian uma desculpa para se sentir negligenciada ou posta de parte. Até naquele momento, quando a sua mãe não passava de um sussurro nas Trevas e partira efetivamente, continuara a manter em segredo as visitas a Tersa. De qualquer forma, quando Daemon chegara a Kaeleer, as visitas já eram um hábito há muito enraizado que Lucivar não revelara a ninguém.

— Queres comer? — perguntou Tersa. — Ainda há ovos mexidos e torradas. Foi o rapaz que fez.

Nesse caso, não ia recusar. Não havia ninguém que fizesse ovos mexidos tão bem quanto Daemon — incluindo a sua própria esposa feiticeira doméstica. Porém, jamais iria admiti-lo a quem quer que fosse. Especialmente a Marian.

Como Allista não se juntara a eles, concluiu que já devia ter comido, caso contrário teria de se desenrascar, por isso tirou um garfo da gaveta, pegou na malga, encostou a anca à bancada e começou a comer.

— Devias sentar-te à mesa — disse Tersa.

— Como muito bem aqui onde estou. — Tersa parecia prestes a ralar, por isso Lucivar acrescentou descontraidamente: — Comeste?

— Comi.

Reparou na hesitação antes da resposta. Devia ter comido um pouco. Caso contrário, Daemon não se teria ido embora. Ainda assim, mantinha a magreza de alguém que passara demasiados anos à míngua e até no presente em que havia abundância de comida, vezes havia em que se distraía de tal forma com algo que só ela conseguia vislumbrar que se esquecia de comer.

Por isso, nunca perdia uma oportunidade de a alimentar.

Apresentou-lhe uma garfada de ovos mexidos.

— Abre a boca.

A boca de Tersa permaneceu obstinadamente cerrada.

Lucivar suspirou — sem tirar os olhos do rosto dela e mantendo a mão firme.

— Terei de passar vergonhas a fazer barulhos esquisitos como faço com o Daemonar?

A boca abriu-se de surpresa e ele enfiou o garfo antes de Tersa se aperceber o que ele estava a fazer.

Tersa franziu-lhe o sobrolho. Ele mostrou um grande sorriso. Cauteloso, comeu umas quantas garfadas de ovos antes de voltar a oferecer-lhe mais.

Tersa acenou com a mão para que a deixasse em paz e foi buscar um garfo.

Acabaram os ovos — e fê-la esforçar-se por reclamar a última garfada — e depois Lucivar acabou com as torradas enquanto saboreava uma caneca de café.

— Conseguieste? — perguntou enquanto passava a louça por água e a colocava no lava-louça.

Tersa franziu o sobrolho.

— Consegui, mas...

Sorrindo, limpou as mãos a um pano de cozinha.

— Vamos lá ver.

Mediante a Arte, Tersa invocou uma pequena estrutura em madeira, colocando-a numa ponta da mesa da cozinha. A teia cuidadosamente concebida presa à estrutura continha o feitiço ilusório. Acionou o feitiço e viram surgir um pequeno escaravelho preto que se dirigiu à outra ponta da mesa. Crescia a cada passo. Quando ficou do tamanho de uma mão, explodiu largando sangue e uma substância verde e pegajosa que fariam as delícias de um rapazinho eyrieno.

— Tens a caixa? — perguntou Tersa.

Lucivar invocou a comprida caixa de madeira e vidro que fizera para guardar a teia ilusória, aí mantendo toda a ilusão. Dava muito valor à sua pele — e ao seu casamento — pelo que queria certificar-se de que o bicho ficava dentro da caixa.

Depois de Tersa colocar a teia ilusória acondicionada na caixa, voltaram a observar o escaravelho. Lucivar sorriu perante a forma como o sangue e a substância pegajosa salpicaram o vidro por dentro antes de tudo se dissipar.

— Minha querida, é *perfeito*.

Tersa pareceu apreensiva.

— Talvez devesse perguntar ao teu pai.

Não sendo exatamente uma afirmação nem uma pergunta, parecia a tentativa hesitante de uma ideia.

Lucivar mudou o peso do corpo de um pé para outro, sem saber se as palavras o tinham deixado preocupado ou intrigado.

— Porquê?

— Já criei surpresas para os meus meninos noutras alturas, que causaram sarilhos. Não se magoaram por pouco. Não quero arranjar sarilhos para os meus rapazes. O teu pai deverá saber o que fazer. — Fez um aceno com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão. — É isso. O teu pai deverá saber.

Lucivar fez desaparecer a caixa, decidindo que estava na altura certa para lhe dar algo mais em que pensar — *antes* que contactasse o seu pai.

Meninos. Os meus meninos.

O chão escapou debaixo dos pés do eyrieno. Susteve a respiração. Sentiu que viajava numa corrente que poderia revelar-se uma brisa muito agradável ou um vento cortante.

— Que meninos, querida? — perguntou.

— Os meus rapazes. — Olhou-o de relance, subitamente acanhada e hesitante.

Palavras dolorosamente doces e uma possibilidade que ele não tivera em conta no que respeitava ao facto de Tersa o ter recebido logo da primeira vez que ele lhe batera à porta de casa.

— Eu sou um dos teus rapazes, Tersa? — perguntou.

Era mãe do Daemon. Haveria de ter estado por perto durante os anos da infância que ele não conseguia lembrar-se. Conhecera-o em criança — e ele devia tê-la conhecido. Nunca pensara nisso antes.

— A rapariga — disse Tersa, hesitante. — Luthvian. Tão zangada por querer o que não podia ter. Tão zangada por querer negar o que era.

Estendeu a mão mas não lhe tocou, acariciando com os olhos aquilo que a sua própria mãe sempre fingira não ver.

— Velas para a lua — disse em voz baixa. — Estandartes desfraldados ao sol. Estava sempre tão zangada com algo tão natural como um braço ou uma perna. Que razão tão disparatada para odiar uma criança.

— Tersa?

Os seus olhos tinham assumido aquele olhar desfocado. Já não via o lugar onde estava, não saberia dizer-lhe onde se encontrava fisicamente. Contemplava uma memória no passado, ocorrida há mil e setecentos anos. Via Luthvian. Vendo-o a ele quando tinha a idade de Daemonar. Talvez até mais novo.

— Ela queria o menino, mas não queria que o menino *fosse* o menino — disse Tersa. — Mas que mais poderia ele ser? Mimos e abraços. O amor do pai deles é forte e eles precisam do pai, mas também querem um amor mais suave. Mimos e abraços. E pequenas surpresas. — Sorriu. — Apanham flores no prado. O menino traz-me flores. Digo-lhe os nomes de quem me lembro enquanto as coloco numa jarra. O pai dele conta o resto. Aos dois rapazinhos. Mas a rapariga não quer flores do prado. Isso é demasiado simples, demasiado eyrieno. Não aceita as flores, por isso o rapaz alado trá-las a mim. Tem tanta fogueira no coração, tanto riso. E desassossego. Aquele brilho nos olhos. Oh, sim, todo ele é sarilhos. Mas não tem maldade. É um rapazinho.irá tornar-se num homem forte. Ela não olha, não vê. Por isso, ele vem até mim em busca de mimos e abraços e pequenas surpresas.

As lágrimas ardiam nos olhos de Lucivar. Pestanejou para as reprimir. Engoliu-as com o coração.

Deu um passo para mais perto dela, tocou-lhe no ombro com as pontas dos dedos.

— Tersa? Eu sou um dos teus rapazes?

Ela olhou para ele, de olhos invadidos pela incerteza. Porém, acenou.

— O meu rapaz alado.

Tomou-a nos braços e abraçou-a delicadamente entendendo, por fim, porque era tão importante estar com ela. Não se recordava daqueles primeiros anos da sua infância; não se lembrava dela. Contudo, o seu coração reconheceu-a, sabendo o que significara para ele.

— Obrigado — sussurrou-lhe no cabelo emaranhado. — Obrigado. — Em silêncio, acrescentou: *Mãe*.

Jaenelle recostou-se, afastando-se da mesa do pequeno-almoço com os olhos postos no objeto à sua frente.

— É um ratinho num globo de vidro.

— Pois é. — Daemon sorriu face à ilusão que pedira a Tersa para criar.

— É um ratinho com os trajes formais de um oficial da corte.

— Pois.

— E pretendes oferecê-lo ao Lucivar? Ao Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih? Ao homem que já afirmou que a única razão para a existência de papelada é ter alguma coisa com que limpar o rabo depois de cagar?

— Oh, claro que sim.

Enquanto assistiam, o ratinho começou a guinchar categoricamente enquanto gesticulava com uma pata e acenava um pergaminho que segurava com a outra pata. Obviamente que mal se ouviam os guinchos pela redoma de vidro, mas, ainda assim, o tom era evidente. Especialmente quando começou a saltar para cima e para baixo, fazendo birrinha.

— É bem capaz de deixar isto à vista na secretária sem um escudo de visão para que os administrativos da corte o vejam — disse Jaenelle. — Sabes bem que é capaz de fazer isso.

— Eu sei. Mas eu julguei que com isto, pode ser que se evite que ele estrangule algum idiota pomposo da corte de alguma Rainha.

Jaenelle contraiu os lábios e observou o ratinho com atenção. Depois, suspirou.

— Tens razão. Já estive perto de estrangular um idiota pomposo algumas vezes.

— Mais uma razão para lhe dar algo com que se rir. — Daemon deu-lhe

um beijo na cabeça e estendeu a mão para a redoma de vidro. — Vou à Fortaleza mostrar isto ao pai, por isso...

— Não podes ir hoje.

Parou, com a mão imobilizada sobre o vidro.

— Não posso?

— *Daemon*. Tens de me ajudar a preparar tudo. Este vai ser o nosso primeiro Winsol em que recebemos a família oficialmente. Não podes virar costas aos pormenores.

Claro que podia.

— A Marian vem mais para o final da semana para ajudar — prosseguiu Jaenelle. — E o Winsol começa para a semana que vem. Temos de rever as listas.

— As listas?

A sua esposa ficou tensa. Virou-se na cadeira e fitou-o.

Os ossos nas pernas de *Daemon* transformaram-se em gelatina — e não devido àquela expressão agradável de que ela-está-à-espera-de-sexo-tórrido.

— Estou no meu gabinete — disse, resignado.

— Ainda bem — respondeu Jaenelle com meiguice. — Vou ter contigo assim que acabar o pequeno-almoço. Espero que não tenhas nada marcado para esta manhã.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Somente o que convier à minha Senhora — disse ele.

Jaenelle estendeu a mão e puxou-o pelo casaco. Obedecendo a uma ordem tácita, inclinou-se e encostou os lábios aos dela.

— O teu tom de voz carece de sinceridade, Príncipe — afirmou Jaenelle. — No entanto, como é o teu primeiro Winsol como marido, estás perdoado.

Depois, beijou-o — e ele desejou que ela tivesse razões para o perdoar muitas vezes nos próximos dias.

DOIS

Príncipe Sadi:

Solicita-se a tua presença na casa da tua mãe. Encontra-me lá depois de jantar.

SaDiablo.

Daemon bateu uma vez à porta principal da casa de campo.

Não devia ser *muito* importante pois não solicitara que fosse de imediato. Porém, uma ordem daquele género vinda do pai era invulgar — e “solicita-se a tua presença” era uma fase do Protocolo que equivalia a uma ordem.

E lá porque não era “muito importante” não queria dizer que *não fosse* importante.

Fogo do Inferno! O que poderia ter acontecido desde a sua visita na manhã do dia anterior que exigisse que o Senhor Supremo fosse a Halaway? E porque não fora avisado *antes* da chegada de Saetan?

Voltou a bater à porta, optando por abri-la e quase derrubando Allista que se apressava para a alcançar.

— Onde? — disse Daemon com brusquidão, demasiado preocupado com o motivo pelo qual tinha sido chamado para conseguir ser educado.

— Na sala de estar — respondeu Allista.

Abriu a porta da sala — e ficou petrificado.

O seu pai estava sentado numa das cadeiras junto à lareira, de pernas cruzadas e dedos das mãos juntos em frente ao rosto, estando o queixo apoiado nas unhas tingidas a negro dos dedos indicadores. A sua mãe estava de pé, em frente da outra cadeira, entrelaçando os dedos e com um ar ansioso.

A sala parecia ter algum problema. Manteve os olhos no pai, mas sabia que havia algum problema com a sala. Até que percebeu o motivo. Não se lembrava verdadeiramente da situação, mas estava certo de que a última vez que vira os pais assim posicionados era muito, muito mais novo e muito, muito mais baixo.

— Entra, Príncipe. Senta-te — disse Saetan. Olhou para Tersa. — Minha querida, podias trazer-nos café?

Tersa anuiu.

— E bolinhos de avelã. Os rapazes precisam de um docinho depois de uma reprimenda. — Sorriu distraidamente a Daemon quando passou por ele a correr.

Reprimenda?, pensou ao mesmo tempo que o seu coração voltava a um ritmo regular e a sua mente se ajustava ao facto de que a mãe não estava magoada nem doente. *Oh, não. Não vai haver reprimenda nenhuma.*

Olhou o pai nos olhos e afirmou:

— Sou um homem crescido.

Saetan devolveu o olhar com uma serenidade inflexível.

— Quando saíres por aquela porta. És um homem crescido. Aqui e agora, és meu filho. *Senta-te.*

Sentou-se. Era humilhante sentir que o corpo obedecera àquela voz antes que o cérebro tomasse uma decisão.

Saetan inspirou fundo e expirou devagar.

— A tua mãe está preocupada com os seus meninos.

— Não fizemos nada.

De onde raio tinham vindo *aquelas* palavras? E porque teria surgido um vislumbre de pânico divertido nos olhos de Saetan antes de o Senhor Supremo ter recuperado aquela serenidade inflexível?

— Quando tu e o Lucivar eram pequeninos e um dos dois me disse isso, eu *sabia* de imediato que tínhamos que falar — disse Saetan. — E ficávamos sentados a discutir o assunto pelo tempo que fosse preciso.

O que significava que ficavam sentados o tempo que demorasse para que o rapaz começasse a contorcer-se sob o peso daquele olhar e deixasse escapar o que quer que tivesse feito.

Maldição, aquele olhar *ainda* resultava.

— Não é nada — disse Daemon.

— A Tersa não me mandou vir aqui por “nada”.

Daemon ponderou nas alternativas. Não encontrou nenhuma. Relembrando a si próprio que tencionara mostrar o presente a Saetan, invocou o globo e pousou-o na mesa ao lado da cadeira. Enquanto o ratito fazia o seu número, Daemon viu os dedos que tinham estado pousados no queixo de Saetan a subirem, detendo-se entre os olhos do Senhor Supremo e pressionando com força.

Quando o feitiço terminou com o ratinho a encolher os ombros, preparado para recomeçar, Saetan baixou as mãos e disse numa voz estrangulada:

— Vais oferecer isto ao teu irmão?

— Vou.

— Estou a ver. — Saetan abanou a cabeça, suspirando.

Daemon ouviu o riso abafado sob o suspiro, sentindo um alívio estonteante a percorrê-lo.

— Guarda isso — disse Saetan, apontando para o globo.

Assim o fez, sem delongas.

— Vieste por causa disto? — Daemon olhou de relance para a porta da sala ainda fechada. Estaria Tersa à espera de um sinal para voltar a entrar?

— Devido ao que aconteceu na casa arrepiante, a tua mãe estava preocupada por estar a fazer surpresas para os seus rapazes e pediu-me para lhe dar uma opinião.

— Rapazes? — perguntou Daemon como se o significado da palavra fizesse, por fim, todo o sentido.

Uma torrente de... Não eram memórias. Não eram exatamente memórias. Era mais como se estivesse a navegar numa onda de *sensações* relembradas.

— Em pequenos já éramos os seus rapazes, não é verdade? — disse Daemon espaçadamente. — Nós os dois.

— A Luthvian pariu o Lucivar, mas foi Tersa quem o amou. — Saetan olhou para o lume que ardia na lareira. — De certa forma, até fazia sentido. Se a Tersa não tivesse insistido para que eu acompanhasse a Luthvian na Noite da Virgem, o Lucivar não existiria. Teve tanto a ver com essa conceção como as duas pessoas que estiveram na cama naquela noite. Por isso, no verdadeiro sentido, ele é o seu rapaz alado.

Daemon fitou a carpete, tentando procurar sensações ainda mais esquivas do que as memórias. A tentar ordenar o emaranhado da sua ligação com Lucivar. Tinham-se amado, odiado, lutado um com o outro e um pelo outro. Teria feito muita coisa — e não teria feito tantas outras — se Lucivar não existisse, mas nada valeria o custo de não ter um irmão. Especialmente *aquele* irmão.

Sentiu-se percorrido por um travo amargo. Ergueu o olhar e viu que o pai o observava.

— Como a Tersa estava disposta a aceitar o rapaz rejeitado, surpreende-me que a Luthvian... — A voz perdeu-se.

— O estado da tua mãe hoje em dia é o mesmo que era naquele tempo — explicou Saetan com delicadeza. — A caminhar pelas estradas de sonhos e visões, é facto, mas não tão profundamente no Reino Distorcido que não conseguisse encontrar os limites da sanidade. Caso a Tersa tivesse sido convencida a trocar, a Luthvian teria ficado contigo sem hesitar, pois até nesse tempo representavas tudo o que ela queria — e tudo aquilo que o teu irmão não era.

Daemon ficou tenso e o ar arrefeceu em reação àquela fúria.

Saetan sorriu.

— A mesma reação, tantos séculos decorridos.

— Não tentou convencer a Tersa a fazer a troca? — As palavras sufocavam-no, lembrando em demasia os anos de escravidão que jamais olvidaria.

— A Luthvian não gostava do teu irmão, por isso tu não gostavas dela. Fogo do Inferno, Daemon. Por vezes, cortavas-me a respiração quando a Luthvian tentava aliciar-te a fazer algo com ela. Só tu e ela. Quase não tinhas idade para juntar palavras e formar frases mas não deixavas de ser tão frio e incisivamente educado a ponto de não restarem dúvidas quanto aos teus sentimentos por ela.

Ainda bem.

Saetan atentou no filho.

— Como são Príncipes dos Senhores da Guerra, é natural que se sintam possessivos em relação a quem estimam e os desafios subtis e alguns abespinhamentos são de esperar quando esses territórios se sobrepõem, especialmente quando os indivíduos ainda estão a acostumar-se a partilhar. Porém, pelo bem da Tersa, tenho de saber se vai para além disso. Por conseguinte, quero uma resposta à minha pergunta: Tens algum problema com o facto de Lucivar passar algum tempo na companhia da tua mãe?

— Da nossa mãe. — No momento em que proferiu as palavras, Daemon sentiu algo no seu interior a encaixar-se. Tudo o que mais estimavam e que consideravam essencial era partilhado com cautela, quando isso sucedia. Os anos de escravidão tinham ensinado aos dois essa dura lição. Mais tarde ou mais cedo, Lucivar iria contar-lhe acerca das visitas a Tersa. Disso estava certo. — A Tersa é a nossa mãe.

— Pois muito bem. Vamos tomar café e comer bolinhos de avelã e eu vou tranquilizar a Tersa de que ao criar estas pequenas surpresas de Winsol não causará *muitos* problemas aos seus rapazes.

— Espera. — Daemon levantou a mão. — O que lhe pediu o Lucivar para criar? Não vais contar-me?

O pai limitou-se a olhá-lo — e desatou às gargalhadas.

TRÊS

Depois de bater ao de leve à porta da copa do mordomo, Daemon entrou e ficou sem perceber quem estaria mais enervado: ele próprio ou Beale.

As boas maneiras ditavam que devia sair como se nada tivesse visto. A curiosidade levou-o a fechar a porta e perguntar:

— A acústica é boa aqui dentro?

Beale baixou a flauta e disse:

— É um lugar privado para ensaiar.

A ênfase e a mordacidade colocadas na palavra “privado” serviram para transmitir a Daemon que se fosse ainda um rapazinho e não um homem adulto — independentemente de tratar-se do filho do Senhor Supremo — teria sido expulso dali à força de um pontapé de Beale.

— Beale... — Daemon olhou em redor. Duas secretárias com tampa corrediça, lado a lado, prateleiras com a melhor baixela, as garrafas de vinho que se previam consumir nos próximos dias.

Fogo do Inferno, o Paço tinha, pelo menos, uma sala de música. Porque estaria o homem a esconder-se ali para tocar?

— Parece-me que é um sítio prático para ensaiar sempre que tendes alguns minutos entre tarefas — disse Daemon, sentindo uma necessidade súbita de escolher as palavras cuidadosamente. De forma alguma queria insinuar que Beale poderia estar a furtar-se aos seus deveres. — Porém, certamente dispondes de tempo livre ao serão, mesmo com todos os preparativos impostos por uma agenda social mais exigente do que é habitual da minha parte e da parte da Senhora.

Beale olhou-o como se estivesse a avaliá-lo. Daemon não conseguiu perceber qual o padrão pelo qual estava a ser avaliado — e menos certeza tinha de corresponder a esse padrão.

Por fim, Beale disse:

— É certo que temos tempo livre, mesmo com o aumento de atividade

no Paço. O Senhor Supremo sempre insistiu para que todos os que aqui trabalham disponham de tempo para as suas próprias vidas. Como há muita gente a trabalhar no Paço e são também muitos os que aqui habitam, temos a nossa própria comunidade e as nossas diversões. São vários os que tocam instrumentos musicais, por isso organizamos um serão musical todas as semanas e damos um concerto por época. Aqueles que apreciam a leitura organizam tertúlias literárias. Também jogamos às cartas uma vez por semana. Uma vez que o Paço proporciona várias funções para aprendizes como formação para os Sangue que tenham optado pelo serviço doméstico, tais atividades proporcionam ao pessoal mais novo uma oportunidade para desfrutar do convívio social sem terem de se deslocar à povoação. Além disso, como as regras no Paço são tão rigorosas — e rigorosamente respeitadas — os castigos por erros durante essas partidas não são nada agradáveis.

— Como um jovem perder todo o seu ordenado em apostas — disse Daemon.

— Exatamente.

Constrangido, Daemon desviou o olhar.

— Há já um ano que o Paço me pertence. Devia estar a par destas atividades?

Beale guardou a flauta no estojo.

— Cuidar dos interesses da família SaDiablo não é tarefa de pequena monta, Príncipe. O mesmo se aplica ao governo de Dhemlan. Ademais, também vos coube a tarefa igualmente exigente — e a mais importante — de ajudar a Senhora a convalescer. Não creio que no Winsol passado estivesseis capaz de ocupar a cabeça com muito mais.

Avaliação sagaz, pensou Daemon, acenando a cabeça.

— Este ano, a Senhora está bem de saúde e entrastes na rotina no que respeita à orientação de Dhemlan, por isso a vossa própria visão do mundo pode agora alargar-se.

Começava a concordar. De súbito, reparou na expressão dos olhos de Beale e balançou nos calcanhares para reavaliar toda a informação que lhe fora facultada naquela breve conversa.

— Assim sendo, que deveres estou preparado para assumir? — perguntou com cautela.

Beale sorriu.

— A festa de Winsol dos serviçais é realizada na primeira noite de Winsol. Há um baile mais tarde, mas o serão tem início com um breve programa musical. O Senhor Supremo e a Senhora juntam-se a nós durante essa parte do serão antes de partirem para outros compromissos sociais. Além disso, cantam uma das canções tradicionais de Winsol em Dhemlan, uma música muito agradável acerca do afeto familiar na noite mais escura. No

ano passado, o Senhor Supremo juntou-se a nós e cantou-nos essa mesma canção.

— A Senhora irá juntar-se a vós este ano para cantá-la convosco? — perguntou Daemon.

— Sim, já disse que o faria.

Fez um aceno com a cabeça. A sua voz não estava ao nível de padrões profissionais, mas cantava bem e conseguia ler música, por isso saía-se bem no entretenimento caseiro.

— Tendes a música?

— Tenho. — Beale abriu uma gaveta na secretária e tirou uma pequena pilha de pautas de música. — A de cima é a canção de Dhemlan. A outra a seguir é uma canção com que a Senhora e o Senhor Supremo costumavam agraciar os convidados. É no Idioma Antigo.

Daemon resmoneou. O Idioma Antigo era um tipo de linguagem fluido: bonito de se ouvir e difícil de aprender como o raio.

— Se aprenderdes a música, podereis acompanhar uma dessas canções— sugeriu Beale.

— Parece-me melhor assim. — Muito melhor. — Obrigado pelas pautas. — Abriu a porta, preparado para se ir embora.

— Não tendes nada que agradecer, Príncipe.

Com uma sensação de desconfiança de que a lista de tarefas a cumprir antes do Winsol tinha aumentado mais do que julgava, Daemon apressou o passo até ao seu gabinete — e parou repentinamente quando viu o Senhor Marcus, responsável pelos seus negócios, a entregar o chapéu e o casaco a Holt, o lacaio de serviço no salão principal.

— Tínhamos combinado alguma coisa? — perguntou Daemon.

— Não — respondeu Marcus. — Vim na esperança de me concederdes uma ou duas horas para examinarmos uns quantos assuntos.

Uma ou duas horas. Mãe Noite.

— Mas é claro — assentiu Daemon. — Holt? Fazei o favor de pedir à D. Beale que nos traga café.

— Acabou de tirar uma fornada — disse Holt. — Vou pedir-lhe que traga também alguns bolinhos.

— Obrigado. — Fora atraído àquela zona do Paço pois passara por umas escadas e sentira uns deliciosos odores vindos da cozinha. No entanto, ao chegar à porta, ouviu a D. Beale a resmungar: “Ai de quem tentar gamar algum antes que os tabuleiros arrefeçam”, decidiu que prezava muito os testículos, mais ainda do que bolinhos de avelã. Percebendo que carecia de uma desculpa para se justificar caso descobrissem a sua presença perto da cozinha, acabou na despensa do mordomo — e tinha agora uma tarefa musical para as festividades.

O que o levou a pensar se os odores que emanavam da cozinha não teriam sido um engodo acentuado pela Arte. Maldição, ainda por cima mordera o isco sem provar nada.

— Viestes acrescentar tarefas à minha lista? — perguntou Daemon enquanto levava Marcus para o seu gabinete, sentando-se numa das cadeiras do lado informal da divisão.

— Infelizmente, é isso mesmo. — Marcus pousou uma inchada pasta de cabedal junto aos pés. — Fui discretamente informado quer pelo Beale quer pelo Helton de que as gratificações oferecidas por tradição no Winsol distribuem-se por norma na primeira noite de modo a que os serviços que vão passar alguns dias com as famílias no início das festividades possam dispor de algum dinheiro adicional.

— Compreendo. — Oferecera os envelopes no Dia de Winsol do ano anterior e ninguém fizera qualquer comentário. Ao que parecia, esta era outra parte dos deveres que estava preparado a adotar de forma correta. — Muito bem. Tendes convosco a lista de pessoas que trabalham em cada residência ou propriedade dos SaDiablo?

— Tenho. — Marcus hesitou. — Posso fazer uma sugestão?

— Parece ser o dia delas — respondeu Daemon secamente. — Dizei.

— Devíeis contratar um assistente.

— Estais a sentir-vos sobrecarregado, Marcus?

— Um pouco, mas não é isso que interessa. Tomo conta dos vossos investimentos e verifico as propriedades aqui em Kaeleer que vos pertencem e tendes aquela firma que trabalhava com o vosso pai e que geria os restantes investimentos da família SaDiablo, no entanto, julgo que precisais de alguém que vos possa ajudar a tomar conta dos assuntos diários. Alguém que tenha uma posição elevada e que seja cortês para vos representar nas propriedades dos SaDiablo ou na corte de uma Rainha. Creio que o Senhor Supremo tinha o vosso irmão mais velho, Mephis, a exercer essas funções. Devíeis ponderar quanto à contratação de alguém para essa posição.

Quase de imediato, Daemon afastou essa hipótese. Foi então que se apercebeu de que já tinha alguém a trabalhar para ele que correspondia a tais critérios — caso o Príncipe Rainier estivesse disposto a aceitar esse tipo de tarefas.

— Vou pensar no assunto.

Marcus pareceu ficar surpreendido e agradado — até ouvirem chocalhar e um grande alarido do lado de fora do gabinete. Depressa ficou com o ar de quem engolira algo amargo.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber? — questionou Daemon.

Marcus abanou a cabeça, fugindo ao seu olhar.

Preocupado, insistiu:

— A tua esposa e a tua filha? Estão bem?

— Estão. — Marcus olhou para a porta do gabinete e crispou-se.

Daemon ponderou naquilo que sabia da menina de Marcus tendo em conta o que se estava a passar do lado de fora do gabinete e perguntou de forma inocente:

— Já fizestes todas as compras de Winsol? Tendes todos os presentes?

Marcus remexeu-se de modo desconfortável.

— A minha filha quer um cachorro, mas ainda não decidimos a raça — ou se vamos sequer aceder a esse desejo — acrescentou à pressa.

Felizmente, Holt entrou com o tabuleiro de café e bolinhos. Daemon atentou no tabuleiro na esperança de que a sua expressão fosse confundida com a ansiedade de se deleitar com as iguarias.

— Ainda passareis por cá antes da Noite de Winsol, não é verdade? — perguntou, tentando manter um tom de voz neutro. — Trazei a vossa filha nessa altura.

Ao que parecia, não conseguira manter a neutralidade na voz pois a mão de Marcus deteve-se sobre o tabuleiro e levantou os olhos, alarmado.

— Não — disse Marcus. — Ela tem dado a entender que gostava que um sceltita parente fosse viver connosco, mas eu não preciso de um monte de pelos que pode muito bem vir a ser o membro de categoria mais elevada da casa.

Tendo em conta as crias de sceltita que ainda ali habitavam, essa era uma possibilidade genuína.

— Tendes de considerar as vantagens de ter um companheiro de brincadeiras que também pode ser um excelente protetor — tranquilizou-o Daemon. — Além disso, se a trouxésseis para dar uma vista de olhos aos cachorros, eu consideraria isso como um favor especial. Seria um presente de mim para vós. Ademais, lá por ela os ver não significa que fique com algum deles. — *Ou que algum deles a eleja.*

Marcus proferiu palavras que não se coadunavam com o espírito da época. De seguida, comeu duas tartes de fruta e um bolinho de avelã, limpou a mão a um guardanapo e abriu a pasta de cabedal, indicação óbvia de que iam mudar de assunto.

Percorreram perseverantemente as listas de pessoas que trabalhavam para a família SaDiablo, quase sempre passando pela aprovação de Daemon quanto aos montantes que Marcus sugeria para cada gratificação. Nenhum fez qualquer comentário quando Daemon duplicou o valor da gratificação de Marcus. Afinal, naquela altura do ano, seria de uma grande grosseria chamar suborno a um suborno.

Marcus suspirou ao guardar os papéis na pasta.

— Vou enviar os maços de envelopes para as outras residências e eu próprio trarei o maço correspondente ao Paço.

— E trareis também a vossa filha?

— Trarei a minha filha. — Marcus voltou a suspirar. — Sois um feroz negociador, Príncipe.

Daemon sorriu.

— Podia ser pior, Marcus.

— Como assim?

— Ela podia ter pedido um gato.

QUATRO

— Entrai — disse Daemon, levantando os olhos dos papéis na secretária quando a porta do gabinete se abriu. Recostando-se, cruzou as pernas e encostou os dedos das mãos, pousando duas unhas compridas e tingidas a negro no queixo, enquanto via Rainier a coxear até à cadeira destinada às visitas, sentando-se com um cuidado exagerado.

Nesse Outono, Rainier e Surreal SaDiablo, juntamente com sete crianças plebeias, tinham sido apanhados numa cilada cujo propósito era matar membros da família SaDiablo.

A casa arrepiante. Daemon ainda não conseguira determinar se fora a arrogância ou uma espécie de loucura que levava um escritor cuja linhagem Sangue descobrira recentemente a tentar desafiar os Sangue possuidores das Joias mais escuras do Reino. A percepção de quão perto tinham ficado de terem sido todos apanhados naquela cilada fora uma lição que dera que pensar. Não fosse Lucivar um guerreiro eyrieno sustentado pela força das suas Joias Ébano-Acinzentadas, Surreal e Rainier não teriam conseguido sair daquela maldita casa. Ainda assim, tinham sido mortas três das crianças, sem falar de todas as outras pessoas que tinham sido assassinadas para proporcionar predadores ao jogo. Surreal fora ferida e o veneno ainda não desaparecera por completo do seu corpo. Quanto a Rainier...

Era dançarino, pensou Daemon com tristeza, acrescentando de seguida: *Tudo tem um preço*.

— Como está a perna? — perguntou, embora fosse evidente que não estava a sarar adequadamente. Fogo do Inferno, Rainier já caminhara melhor havia semanas quando se juntara a eles para uma visita à casa arrepiante de Jaenelle e Marian, uma diversão destinada a crianças que constituíra uma das razões pelas quais Jarvis Jenkell fora impelido a criar uma versão mortífera desse lugar.

Rainier encolheu os ombros, mas o seu rosto estava pálido e tenso ape-

sar do esforço para sorrir, e era visível o medo presente nos seus olhos verdes que não conseguia ocultar na totalidade.

— Uns dias melhor do que outros. Queria a vossa opinião quanto a um assunto.

A tentar mudar de assunto, rapazolas? Tudo bem, deixo-te conduzir esta dança. Por enquanto.

Por meio da Arte, Rainier invocou uma caixa retangular e fê-la pairar até à secretária onde a pousou em frente de Daemon.

Uma caixa de joias, decidiu Daemon, inclinando-se para a frente de modo a examinar as flores e folhas cinzeladas na tampa. A caixa era uma peça de extraordinário trabalho artesanal, adequada por si só a um presente de Winsol por isso, quando abriu a tampa, assobiou baixinho.

Uma manopla de metal dourado. Tinha um aspeto delicado caso se ignorassem as garras nas extremidades dos dedos articulados. Uma arma disfarçada de objeto bonito.

— É um presente de Winsol para a Surreal — explicou Rainier. — Credes que será do seu agrado?

— É linda e mortífera — respondeu Daemon. — Vai adorar. — Fechou a caixa e devolveu-a a Rainier antes de lhe oferecer um conhaque.

Havia ali algo de errado. Algo de muito errado.

Rainier fora instrutor de dança durante muitos anos. Fogo do Inferno, fora instrutor de dança de Jaenelle — um jovem Príncipe dos Senhores da Guerra que fora capaz de aguentar Jaenelle e a assembleia de jovens Rainhas que eram as suas melhores amigas.

Presentemente, Rainier trabalhava para ele e pagava-lhe um salário generoso. Porém, reconhecia o trabalho de Banard. O joalheiro possuía algumas peças que não esvaziariam a carteira de um homem normal por um ano, mas aquela manopla personalizada não era uma dessas peças.

O que estaria Rainier a tentar provar?

— Que planos tendes para o Winsol? — perguntou-lhe Daemon.

— Vou a Dharo passar uns dias com a minha família — respondeu Rainier, com um sorriso ainda mais triste.

Porquê?, perguntou-se Daemon. *Habitualmente, preferem que fiques longe deles.* Rainier não visitara a família umas semanas atrás? Fora na altura em que a recuperação da perna começara a correr mal.

— A menos que preciséis de mim — acrescentou Rainier.

— Não, não preciso... — Ocorreu-lhe uma ideia, mas não estava em crer que obtivesse uma resposta honesta sem infligir algum sofrimento. Por conseguinte, teria de o fazer.

— Foi-me dado a saber que existe uma dança tradicional de Winsol. Seria sensato aprender.

— Certamente não estais a contar que vos ensine — retorquiu Rainier.
— Estou aleijado.

Pelo menos não seria necessário tirar a ferros a amargura que crescia no outro Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Quem culpais por isso, Rainier? — perguntou Daemon com uma delicadeza extrema, recostando-se e voltando a juntar os dedos das mãos à sua frente.

— Não culpo ninguém — retrucou Rainier. — Aconteceu.

— De facto, aconteceu, porque fizestes aquilo que era esperado de vós: defender e proteger.

— Não bastou. Morreram três crianças e a Surreal foi envenenada. Não fui capaz de os proteger e perdi... — Engoliu em seco, debatendo-se claramente para não dizer mais nada. — Era dançarino. Desde sempre. Era tudo o que queria ser. Nunca mais voltarei a sê-lo.

— Tendes a certeza? — questionou Daemon.

— Sim, tenho!

Daemon hesitou, mas tinha de ser dito.

— Tudo tem um preço, Príncipe Rainier. A vida de um acompanhante está sempre em risco.

— Bem sei.

— Será que sabeis? Fostes ferido em batalha. Não importa o aspeto do campo de batalha; essa é que é a verdade. Não fostes o primeiro homem a ter de reconstruir a vida devido a mazelas de guerra. Também não sereis o último. — Ciente de que não estava a fazê-lo entender, Daemon libertou alguma da sua própria frustração. — Podíeis ter perdido a perna ao invés de perder uma percentagem de mobilidade. Fogo do Inferno, Rainier, *podíeis ter morrido naquele lugar*.

— Talvez tivesse sido preferível — disse Rainier em voz baixa.

Daemon sentiu a fúria ascender das profundezas da sua Joia Negra — doce, fria e mortal. Rainier não era parvo. Sabia bem quem o aguardaria se caísse no disparate de cometer suicídio. Pensava aquele rapaz que estava com problemas? Então o idiota que esperasse que Saetan terminasse de lhe explicar as coisas — em especial o idiota que se ajudara a si próprio a tornar-se demónio-morto antes do tempo.

Porém, podia explicar o motivo que levava Rainier a adquirir uma prenda que não estava ao seu alcance. Lucivar precisava de ser informado dessa possibilidade.

— Em que estado se encontram as vossas finanças? — perguntou Daemon.

Rainier piscou os olhos. Logo, as suas bochechas ficaram ruborizadas.

— Francamente, Príncipe Sadi, não é da vossa conta.

— Pois agora é. Estais disposto a descobrir a rapidez com que consigo saber todas as informações pessoais respeitantes à vossa pessoa ou ides responder à pergunta?

Rainier contorceu-se.

— Estou a safar-me. Tenho algumas poupanças.

— O vosso salário continuará a ser pago trimestralmente como é hábito — informou Daemon.

— Para quê? — Rainier soltou uma gargalhada angustiada. — Que posso eu fazer?

— Tenho algumas ideias quanto a isso, mas agora podeis fazer um esforço para sarardes. — O gelo que Daemon colocou na voz bastou para que os olhos de Rainier revelassem cautela. — A despesa do aluguer do vosso apartamento em Amdarh ficará por minha conta, além de outras despesas necessárias como a comida.

— Não preciso da vossa caridade da mesma forma que não preciso da vossa compaixão — retrucou Rainier.

— Não tereis nenhuma das duas, por isso, calai-vos. — Contudo, era cada vez mais evidente de que alguém estava a proporcionar a Rainier doses exageradas de ambas, o que poderia ser mais danoso do que uma perna aleijada.

Daemon suspirou sonoramente.

— Tendes de vos conformar com o que podeis realizar fisicamente e com o que não podeis. Não vos posso ajudar nesse ponto, mas posso facilitar-vos a vida por algum tempo, para que vos possais concentrar na recuperação. Sois um bom Príncipe dos Senhores da Guerra, Rainier, e um bom acompanhante. Demasiado bom para perder por estardes a ter dificuldades em encontrar um equilíbrio.

Outra gargalhada angustiada.

— É um prisma interessante.

— Depois do Winsol, ireis passar umas semanas a Ebon Rih com o Lucivar. — E que as Trevas tenham piedade de vós. — Por isso, sugiro que visiteis a vossa família em Dharo e que desfruteis das festividades.

— Dais-me licença? — perguntou Rainier num tom um tudo-nada demasiado educado.

— Sim, com certeza. Feliz Winsol, Rainier.

Rainier apoiou-se para se levantar e apoiou-se na bengala.

— Feliz Winsol, Príncipe.

Daemon desconfiava que ele e Rainier estavam a desejar-se mutuamente muitas coisas naquele momento e “feliz” não fazia parte desses desejos.

Aguardou até ter a certeza de que Rainier tivera tempo para deixar o Paço e saiu do gabinete — não precisando de se afastar muito pois Beale aguardava-o.

— A Senhora Karla solicita a vossa presença — informou Beale.

Dera conta da chegada da Rainha de Glacia. Era difícil ignorar esse odor psíquico específico — além de que a presença de uma feiticeira de Joia Cinzenta na sua casa dificilmente passaria despercebida.

— Aguarda-vos nos seus aposentos — acrescentou Beale.

— E a Senhora Angelline?

— A Senhora foi visitar a Fortaleza. Tenciona regressar a tempo do jantar, mas deixou instruções para começarem sem ela, no caso de se atrasar.

Não seria provável, embora não precisasse de o dizer, uma vez que era algo subentendido pelo pessoal afeto à casa.

Daemon percorreu os corredores do Paço até à ala dos aposentos da família. Quando Jaenelle tinha quinze anos, a assembleia reuniu-se ali para passar o Verão, juntando-se à amiga especial que julgavam ter perdido. Tinham sido atribuídos aposentos à assembleia — e aos rapazolas que também ali foram tomar aquele chá e não mais voltaram a casa, a não ser por curtos períodos. Atualmente, sendo aquelas Senhoras Rainhas dos seus Territórios, aqueles aposentos ainda lhes pertenciam, era como um segundo lar e um lugar onde ainda se reuniam como amigas e Irmãs.

Os aposentos de Karla davam para o pátio de Jaenelle. Bateu à porta e ninguém respondeu. Com a mão a pairar sobre a maçaneta da porta, tentou outra abordagem antes de reagir como se houvesse algum problema.

Karla? chamou num fio psíquico.

Entra respondeu. *Estou no pátio.*

Entrou na sala de estar e avançou até às portas de vidro que davam para a varanda. Nessa altura, deteve-se, sentindo-se aliviado ao vê-la junto à fonte seca, de rosto virado para o sol. Deslocando-se mais descontraidamente, desceu pelo lanço de escadas mais perto dele e juntou-se a ela.

— Beijinho, beijinho — disse Karla com um sorriso malicioso.

Erguendo a mão que ela lhe ofereceu, beijou-lhe os nós dos dedos.

— Minha querida, não está fresquinho aqui fora? — perguntou.

— Deves ter o sangue muito fino se achas que está frio. Mas também não terias tanto frio se tivesses vestido um casaco.

Pelo menos tinha colocado um escudo à volta dos sapatos para manter os pés secos e proteger o cabedal.

Deu-lhe o braço e suspirou.

— Muitas vezes, o Inverno de Glacia é demasiado rígido para mim, por isso queria aproveitar este tempo mais ameno para passar algum tempo ao ar livre.

— Isso quer dizer um *pouco* de neve no chão e no ar que não te congele os pulmões? — perguntou Daemon com rispidez.

— Precisamente.

Ao senti-la arrepiar-se, conduziu-a às escadas.

— Basta.

— Mandão.

— Protetor.

— Mandão.

Daemon cerrou os dentes e disse:

— Beijinho, beijinho — fazendo-a rir-se.

Sem saber se era uma prova do perturbador sentido de oportunidade de Beale ou se Karla já teria feito o pedido, entraram na sala pouco antes de Holt lhes levar um tabuleiro de café e bolinhos.

— Estás com bom ar — disse-lhe Daemon enquanto servia café a ambos.

E estava, apesar de o seu rosto ter emagrecido e envelhecido uma década além da sua idade real. Não sabia precisar se esse envelhecimento se devia à tarefa de governar Glacia ou se seria o resultado do envenenamento a que sobrevivera dois anos atrás.

— A lisonja não te fará ganhar o último bolinho de avelã — disse Karla, aceitando a chávena que Daemon lhe oferecia. — Na maior parte do tempo, é verdade que me sinto bem. Oh, as minhas pernas sentem as mudanças climáticas, por isso passo dias com algum desconforto, no entanto, ao contrário daqueles que têm o pénis ligado ao cérebro, eu fiz mesmo aquilo que me indicaram para melhorar e manter as pernas tão saudáveis quanto lhes for possível.

Merda.

— Quer dizer que não se trata de uma visita social?

— A Jaenelle disse-me para vir cá examinar o Rainier. Emitir uma segunda opinião como Curandeira.

Daemon ficou tenso.

— A *Jaenelle* pediu uma segunda opinião?

— Significa que há algo de errado, não é verdade? — Karla bebericou o café. — Sejam quais forem as Joias que usa, a Jaenelle é a melhor Curandeira de todo o Reino. Se ela não consegue curar alguma maleita, é porque não há forma de a curar. Sou prova viva daquilo que ela consegue fazer. Não parecia possível que alguém sobrevivesse àquela infusão de venenos que me deram quando o meu tio Hobart tentou recuperar o controlo de Glacia. Uma vez que sobrevivi, também não seria de esperar manter-me tão saudável como sou.

— Alguma vez... — Daemon engoliu um pouco de café para humedecer a garganta subitamente seca. — Alguma vez desejaste que te deixasse deixado morrer? Não terias de andar com a ajuda de uma bengala, as tuas pernas não seriam fracas se porventura tivesses feito a transição para demónia-morta.

— Estás a falar com a pila — disse Karla.
— Não é... — Interrompeu-se. Pensou. — Rainier.
— Sim. O Rainier.

Pousou a chávena na mesa em frente ao sofá.

— Não recuperará completamente, pois não?

— Não, a perna dele não mais voltará ao que era. Jamais o voltará a apoiar como acontecia antes de aquela espada de guerra eyriena lhe ter trespassado músculo e metade do osso. Se ele tivesse caído e permanecido quieto, qualquer uma de nós — a Gabrielle, eu, a Jaenelle — poderíamos tê-lo curado e deixá-lo quase como novo. Talvez até a ponto de conseguir fazer o que quisesse em cima daquela perna desde que lhe desse alguma atenção e cuidados. No entanto, envolveu a perna com escudos e continuou a lutar.

— Fez aquilo que teve de fazer.

— Eu sei. Porém, aquela perna jamais voltará a ser o que era por causa disso e ele sabe disso.

— Será que sabe?

— Sim, sabe. Está a debater-se, Daemon. Não sei o que anda a fazer ou porquê, mas vejo os resultados. A Jaenelle viu-se obrigada a reconstruir aquele osso e músculos tantas vezes que quase não resta nada com que trabalhar. Está muito alterado e se não parar de prejudicar a perna, é certo que ficará aleijado.

— Não é parvo nenhum — disse Daemon.

— Não — disse Karla serenamente. — Mas está assustado. O que é pior.

— Haverá alguma coisa que eu possa fazer?

Abanou a cabeça.

— Não, não há nada que possas fazer. Também não há nada que eu possa fazer que a Jaenelle já não tenha feito.

— Talvez o facto de ficar com a perna tão estropiada a ponto de não conseguir dançar seja mais fácil para ele do que uma perna quase sã, mas não na íntegra.

— Talvez, mas a mim nunca me passou pela cabeça que o Rainier fosse assim tão idiota. — Karla tirou um bolinho. — Ainda vai passar por aquele treino adicional com o Lucivar?

— Vai. Além disso, já foi informado de que se não aparecer por vontade própria, o Lucivar irá perseguir-lo e arrastá-lo até Ebon Rih.

— Muito bem. Estou certa de que tudo se resolverá — de uma forma ou de outra.

Uma vez que imaginava como tudo se resolveria se Rainier decidisse desafiar Lucivar, mudou de assunto.

— Como está a Della? Está entusiasmada com o Winsol?

Karla riu-se.

— Está mais entusiasmada por eu ter permitido que começasse a aprender as bases da arte de curar.

Daemon pegou num bolinho de avelã.

— Mas a aprendizagem não costuma iniciar-se tão cedo, pois não? Não passa de uma menina. — Uma menina que perdera a mãe quando a povoação onde vivia fora completamente chacinada por eyrienos ao serviço de Dorothea e Hekatah SaDiablo. Uma menina que fora salva por felinos arcerianos e passara meses com eles, como uma selvagem, antes de ser adotada por Karla.

— Não é Curandeira nata — não nasceu nessa casta — mas tem bons instintos e um ávido interesse. Quer especializar-se no tratamento de parentes.

Tentou manter um rosto inexpressivo — em vão.

— Então e pratica no KaeAskavi?

— Sempre que pode. E essa é outra das razões que me trouxe hoje aqui. Quando precisamos de saber algo acerca dos parentes, é a Jaenelle que recorreremos. Obviamente que a Della e o KaeAskavi só se juntam quando passamos uns dias na casa de campo. A casa em Sidra deixa-o demasiado frustrado.

— As ruas de uma cidade devem ser complicadas para um felino daquele tamanho.

— Oh, não se trata do espaço confinado — disse Karla revelando uma cintilação maliciosa nos olhos de um azul glacial. — É a frustração de ver tantas presas a vaguearem de um lado para o outro e não poder apanhar e comer nenhuma.

— Estás a falar de cavalos, não é?

— Sabes bem do que estou a falar.

Mãe Noite.

— Ora bem — disse Karla —, temos um tabuleiro de bolinhos e uma cafeteira cheia de café e eu tenho mais uma hora antes de regressar a casa. E que tal se me contasses tudo o que não queres que a assembleia saiba?

Como preferia roer a própria mão a retomar *esse* assunto específico, optou pela saída mais simples — voltou a colocar o bolinho de avelã no tabuleiro e deu-lhe todas as iguarias.

— Cobarde — disse Karla.

— Podes crer.

Ela riu-se.

— Ainda que sejas um imbecil, não estás mal, Sadi. — Ofereceu o tabuleiro. — Aqui tens. Vamos partilhar. Não é preciso partilhar coscuvilhices.

— Porque tens de regressar tão cedo? Glacia fica do outro lado do Reino e é uma longa viagem para depois ficares cá tão pouco tempo. Há algum

tempo que tu e a Jaenelle não passam um serão juntas. — Colocando um toque de persuasão e um vestígio de sedução na voz, ronronou: — Fica. Podes partir amanhã bem cedo. Eu trato de te arranjar um condutor e uma carruagem para que possas trabalhar ou descansar a caminho de casa. Fica.

Ela pestanejou. Voltou a pestanejar.

— Fogo do Inferno, és bom. Senti os ossos começarem a derreter.

Sorriu-lhe, deixando que os feitiços se desvanecessem.

— Realmente, eu tinha dito que *era capaz* de pernoitar — cedeu Karla.

— Mas não queria que se tornasse uma certeza.

— Estás preocupada porque a Della está sozinha em casa? — Será que algum dos Sangue que tinham apoiado o tio de Karla e sobrevivido à luta havia dois anos poderia tentar magoar a criança?

— Estou, mas não pelas razões mais óbvias. Estás com aquela expressão, Sadi. A expressão: “Estou prestes a irritar-me e atacar — onde está o inimigo?”

— Sendo assim, o que te preocupa? — perguntou com uma calma extrema pois ela estava certa: não pensaria duas vezes quanto a ir a Glacia e eliminar os problemas que pudessem estar a afligir Karla ou uma menina.

— O Príncipe Hagen, o meu Guarda-Mor, gosta de crianças mas não tem filhos. Por isso, a Della encontrou nele um pai substituto e ele encontrou nela uma filha.

— Mas então, qual é o problema?

— As regras têm o dom de... desaparecer... quando me ausento por mais de um dia. É extraordinário. Ninguém se lembra de que os legumes fazem parte das refeições. Ninguém parece saber ver as horas quando uma criança da idade de Della tem de ir para a cama. Por outro lado, o homem consegue ser rigorosíssimo noutros aspetos a ponto de eu jurar que ele andou a ter aulas com o Tio Saetan.

— Quer dizer que quando a Titi Karla se ausenta...

— Divertem-se à grande. — Suspirou melodramaticamente. — Tudo bem. Eu fico.

— Pois nada me agradará mais do que te entreter com coscuvilhices. — *Desde que não sejam sobre mim.* Pegou no bolinho de avelã. — Porque é que a Jaenelle foi à Fortaleza?

Karla hesitou antes de responder:

— Creio que foi pedir uma segunda opinião.

— Criança-feiticeira. — Saetan apoiou-se na mesa em madeira escura na biblioteca privada da Fortaleza e cruzou os braços. Não sabia o que levaria a isso, mas sabia que aquele dia haveria de chegar. Como sempre soubera,

puxou ainda mais a trela à sua fúria. O Winsol estava quase a chegar. Não queria que uma briga manchasse as comemorações.

Porém, iria dar-se uma contenda. Podia ver essa verdade na forma como ela se mexia e no seu olhar.

— Devo começar a ordenar livros? — perguntou.

Ela olhou para a mesa vazia e sorriu enquanto abanava a cabeça.

Fora um estratagema bastante útil, fingir que ordenava livros antigos enquanto um membro da família alargada falava descontraidamente sobre os problemas que estava a passar. Útil até descobrir que a assembleia sabia tratar-se de um estratagema e que entrava no jogo.

Nenhum dos rapazolas, incluindo os seus próprios filhos, conseguira divisar o engano, o que o deixara ligeiramente envergonhado em nome da sua condição masculina. Por outro lado, aquela ferramenta ainda era útil com eles.

— Não, não é preciso ordenar livros — confirmou Jaenelle. Hesitou. — Papá, quero perguntar-te uma coisa.

— Qual é o assunto?

— O Rainier.

Não era o que estava à espera. Ficou um tudo-nada mais descontraído.

— Não está a sarar devidamente.

Agarrou numa madeixa de cabelo louro e deu um puxão com tanta força que levou Saetan a crispar-se.

— Talvez seja porque eu não consigo... porque eu não sou...

— Não — disse em voz baixa, uma advertência óbvia para quem o conhecesse. Jaenelle, sua filha e Rainha, sem dúvida que o conhecia.

Baixou as mãos e olhou-o nos olhos.

— Quem sabe se eu recuperasse o poder...

— *Não*. — Saetan endireitou-se e baixou os braços até os dedos pousarem levemente à beira da mesa. — Essa parte da tua vida terminou.

— Não perdi a Ébano como toda a gente julgou. Talvez possa...

— Maldita sejas nas entranhas do Inferno, *não irás fazê-lo*.

Percebeu a mudança e reconheceu o momento em que passou a ser a Feiticeira a olhá-lo pelos olhos azul-safira de Jaenelle.

— Não sabes porque está tudo diferente, Senhor Supremo — disse a Feiticeira na sua voz da meia-noite.

— Sei, sim, Senhora. Fui a Arachna. Encontrei a Tecedeira de Sonhos. Vi a teia entrelaçada que deu corpo aos sonhos. Ademais, vi aquele singelo e fino fio de seda de aranha que alterou o sonho quando regressou a nós. Havia outro sonhador: tu.

Recuou, agora cautelosa.

— Há quanto tempo sabias?

— Há algum tempo. Antes de casares com o Daemon. — Fez um com-

passo de espera para depois acrescentar friamente: — Quer dizer, entre o casamento secreto e o público. O que interessa — e espero que acredites que farei aquilo que digo — é que a minha filha tem agora a vida que desejava e se recuperasse a Ébano a sua vida ficaria arruinada. — Além de que não havia a certeza — qualquer certeza — de que Jaenelle ainda pudesse constituir o recetáculo de tão grande poder e de que a recuperação da Ébano não a matasse. — Por conseguinte, tendes de entender que irei bater-me com a minha Rainha até às últimas consequências de modo a proteger a vida da minha filha. Criança-feiticeira, nunca desejaste esse tipo de poder, por isso a única forma de o recuperares é passares por mim. Terás de me destruir por completo já que me baterei com tudo o que sou.

O rosto dela empalideceu assustadoramente.

— Estás a falar a sério.

— Sim, estou. Tudo tem um preço, Senhora. Esse será o preço se tentares recuperar a Ébano.

Um piscar de olhos. Outro. Já não era a Feiticeira que estava à sua frente. Era Jaenelle que o observava com um olhar perturbado.

— Mas... o Rainier — disse.

— Vou recordar-te algumas questões de que obviamente parece que te esqueceste. — A sua voz deslizou para aquela repreensão primorosamente controlada capaz de intimidar *qualquer* criança. Até a que ali estava presente. — Quando tinhas dezassete anos, conseguiste sarar o Lucivar. Tendo em conta o estado em que estava quando o Prothvar o levou para a tua cabana em Ebon Rih, nem sequer devia ter sobrevivido. Porém, não te limitaste a tratar dos ossos partidos e dos ferimentos internos; reconstruíste-lhe as asas a partir dos poucos farrapos saudáveis que restavam.

— Ness altura, usava a Negra e possuía um reservatório de treze Joias das quais podia extrair poder — disse Jaenelle, com a voz revelando frustração. — E com o Lucivar era tudo ou nada. Uma cura sistémica. Ou saía dali íntegro ou morria.

— A Negra não é a Ébano — disse Saetan. — Nunca recorreste à Ébano para tratar ninguém pois era demasiado escura, demasiado poderosa. Usaste sempre a Negra.

— Pois bem, a Crepúsculo da Aurora não é a Ébano — retorquiu.

— Pois não, mas existe um fio Negro na tua Joia. Em comparação com uma verdadeira Negra, possuis uma quantidade muito pequena de poder a esse nível, mas está lá presente. Também tens à tua disposição dois Príncipes dos Senhores da Guerra de Joia Negra e um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Ébano-Acinzentada que te teriam disponibilizado todo o poder de que precisasses para uma teia de tratamento. Além disso, caso necessitasses desse tipo de força para adicionar a uma infusão curativa, o Daemon ou o

Lucivar de bom grado te teriam fornecido o sangue. O poder estava disponível, criança-feiticeira. Não tem nada a ver com as Joias que já não usas.

— Mas então porque não sara o Rainier? — Jaenelle começou a andar em círculos — começando a rosar de uma forma que levou Saetan a desejar colocar um escudo entre os dois sem a insultar. — Estava a sarar. Estava *mesmo*.

— Será que iria voltar a dançar?

— Sim! — Fez uma pausa. — Pensou. — Nem tudo. Pelo menos, não poderia dançar as danças exigentes que eu e ele costumávamos executar em representações especiais. Os músculos da perna jamais conseguirão voltar a suportar aquele grau de exigência. Já as danças sociais, era capaz de conseguir. Todos os géneros de dança que ensinava. — Ficou com um ar frio e amargo. — No entanto, tratou tão mal aqueles músculos que jamais poderá voltar a fazê-lo.

— Quer dizer que seja qual for o problema com o Rainier, não tem nada ou terá muito pouco a ver com o processo de recuperação — disse Saetan serenamente. — Creio que mais do que a perna, é o coração que precisa de sarar.

Abriu os braços. Ela deixou-se envolver e abraçou-o com força.

— Queres que te dê algum conselho? — perguntou Saetan.

Ela assentiu.

— Deixa o Lucivar tratar do Rainier.

Levantou a cabeça e semicerrou os olhos.

— Porquê?

— Porque estou em crer que o Lucivar vai ser capaz de perceber a motivação adequada para ajudar a recuperação do Rainier.

— O Lucivar vai amedrontá-lo.

— Precisamente.

Jaenelle riu-se, encostando a cabeça no ombro do pai.

Saetan desfrutou do abraço. Desde o dia em que a conhecera — uma menina de sete anos que caminhara pelo Inferno sem receio — tivera de a partilhar com tantos outros. Tinham sido raros os momentos calmos em que estavam os dois sozinhos, pelo que prezava todos eles.

— Papá?

— Criança-feiticeira?

— Não irei destruir a vida que a tua filha sonhou.

Susteve a respiração.

— Juras?

— Tomarias uma jura dessas como uma dádiva?

— Sim, claro que sim.

Olhou-o e sorriu.

— Então, juro.

CINCO

Surreal olhou para os flocos de neve, grandes, fofos e lentos, depois para o lume que ardia na lareira da sala de estar e decidiu que a lareira era mais apelativa. Especialmente depois de tossir e sentir o ardor nos pulmões. Verdade seja dita, devia ter referido a sensação de ardor e a constante falta de ar semanas antes, quando Jaenelle lhe tratava pela primeira vez da ferida envenenada na ilharga. Porém, julgara que tinha conseguido livrar-se dos efeitos do feitiço de repercussão que a aprisionara e ao Rainier naquela maldita casa arrepiante e que a falta ar se devesse ao veneno.

Ou trataste disto agora ou vais ter a companhia de uma pneumonia o inverno todo, dissera-lhe Jaenelle.

Naquele momento, não queria companhia nenhuma e como desde a “cura” que andava a beber uma infusão medicinal três vezes ao dia, a evitar sair à rua quando o ar estava gelado e a interromper a atividade física logo que se sentisse cansada, não estava disposta a discutir.

Especialmente porque planeara que Jaenelle escrevesse aquelas instruções de modo a podê-las acenar em frente à cara de Lucivar quando fosse a Ebon Rih a seguir ao Winsol. Não podia escapar-se a tudo o que planeara para ela, mas até Yaslana não iria desafiar Jaenelle enquanto Curandeira.

Talvez pudesse começar a tricotar ou algo parecido.

Tentou imaginar-se sentada a um canto, a tricotar uma coberta horrível enquanto os restantes faziam algo interessante.

Talvez não.

Ouviu uma batida rápida na porta da sala de estar que anunciava Helton, o mordomo na casa de cidade dos SaDiablo. Entrando com um tabuleiro carregado, disse:

— Trouxe a água quente para a infusão medicinal e uma fatia de tarte de frutos vermelhos acabada de sair do forno.

Também tinha trazido uma sanduíche e um pequeno prato de queijo e

uvas. Afinal, já tinham passado pelo menos duas horas desde que ingerira o caldo que Helton insistira para que comesse como forma de “aquecer” ao regressar das compras naquela manhã.

Tudo tem um preço, pensou Surreal. Ora o preço para não estar completamente recuperada era aturar o mordomo a andar à volta dela acima do que os deveres habitualmente lhe permitiriam.

Acomodou-se no sofá e invocou uma pequena ampulheta temporizadora e o frasco de vidro que continha a mistura medicinal. Depois de encher um infusor de chá com a mistura, colocou-o no bule de água e ligou o temporizador.

Helton preparava-se para sair, parando de repente e virando a cabeça de uma forma indicadora de que falavam com ele através de um fio psíquico.

— O Príncipe Rainier está aqui — disse ele.

— Ele que entre. — Olhou de relance para o tabuleiro.

Helton também examinou o tabuleiro.

— Devia trazer outra dose.

— Só mais uma fatia de tarte de frutos vermelhos. — Surreal mostrou os dentes cerrados num sorriso que levou Helton a aproximar-se um pouco mais da porta. — O resto partilho, a tarte é que não.

Um tique nos lábios. Um brilho nos olhos.

— Muito bem, Senhora.

— Estás bem? — perguntou Rainier abruptamente assim que Helton o acompanhou até à sala de estar e fechou a porta.

Melhor do que tu, rapazolas, pensou Surreal enquanto observava Rainier a coxear até à cadeira mais próxima do sofá.

— Sim, estou bem.

— O laçao disse que tinha de verificar se hoje estarias disposta a receber visitas. — Rainier crispou-se ao sentar-se.

— Peço ao Helton para te trazer café? — perguntou Surreal. — Se preferires, também há conhaque.

— O que estás tu a beber?

— Uma infusão medicinal. — Olhou para o temporizador. Estava quase.

— Quer dizer que *não* estás bem — retrucou Rainier.

Surreal tirou o infusor e colocou-o numa tacinha no tabuleiro. Serviu uma chávena da infusão e recostou-se — perguntando-se quanta da raiva que enchera repentinamente a sala lhe pertencia.

— Ao que parece, os meus pulmões ficaram mais vulneráveis ao tempo frio por causa daquele feitiço de repercussão. Ou o feitiço tornou-os mais vulneráveis ao veneno, que os tornou mais vulneráveis ao tempo frio. — Encolheu os ombros. — Por conseguinte, depois de terminar de resmungar

comigo por não lhe ter referido o ardor nos pulmões, a Jaenelle fez-me esta infusão que estou a beber três vezes ao dia por mais alguns dias. Depois passa a uma vez por dia até ao final do Inverno.

— Também te cansas com facilidade, não é? — perguntou Rainier. — Daí a questão de saber se irias receber visitas.

Era tentador não dar importância a tudo aquilo. Afinal, *estava* a sarar. Contudo, ele estivera com ela naquela casa e merecia mais do que uma resposta frívola.

— Pois é, ainda me canso facilmente. É humilhante admitir, mas vou precisar de dormir uma sesta hoje à tarde porque andei às compras na rua grande parte da manhã.

— O Lucivar sabe disso? — perguntou Rainier.

Surreal fez um grande sorriso.

— Ainda não. Mas vou certificar-me de que fica a saber. Na verdade, vou certificar-me de que *todos* os membros da família ficam a saber que me canso com facilidade.

— Porque...? — Pensou por um instante até que bufou uma risada de irritação. — Bom, quer-me parecer que vai recuar *um pouco* se souber que a Jaenelle lhe vai morder o rabo sempre que começares com pieira.

— Espero que seja um bom incentivo, mas com o Lucivar nunca se sabe. — Não estava ansiosa por passar os meses de inverno em Ebon Rih. Por muitas razões.

Quando apanhou Rainier a fitar a fatia de tarte de frutos vermelhos, rosnou:

— É minha.

— Gulosa — resmoneou.

— Partilho a sanduíche, as uvas e o queijo.

A expressão dele indicou com clareza de que não considerava aquela uma troca justa, arrebitando quando Helton regressou com outro tabuleiro que era o duplicado do “tabuleiro de petiscos” de Surreal.

Esvaziando a chávena e pondo-a de lado, Surreal examinou o tabuleiro — e suspirou.

— Se calhar é melhor comer até ficar entorpecida e depois deixar que o Helton me rebole até ao meu quarto.

— Quando tomas infusões medicinais, o teu corpo ainda consome mais alimento — disse Rainier. — Precisas realmente dessa comida.

Olhou para ele, a pergunta tácita tomando conta da sala.

Rainier devolveu o olhar por um instante, tentando iludi-la. Até que desviou o olhar, pegou no prato do seu tabuleiro e começou a comer.

— Esquece, Surreal — disse quando o silêncio se tornou constrangedor. — Faz um favor a um amigo e esquece.

Por agora. No entanto, iria ter uma conversa com Jaenelle e descobrir a verdadeira gravidade da situação de Rainier.

— Então, hoje andavas só a passear? — perguntou Surreal.

— Na verdade, passei por cá para te trazer isto. — Rainier invocou um pacote embrulhado e entregou-lho.

Surreal semicerrou os olhos para Rainier.

— Acabaste as tuas compras?

— Acabei.

— E já tens todos os malditos presentes embrulhados? Fogo do Inferno. Se não tiver mais sorte a procurar o que comprar — mas como é que se compra seja o que for para uma família como a minha? —, sou bem capaz de estar a embrulhar presentes pouco antes de os oferecer.

O sorriso dele revelou-se frágil.

— Normalmente ando num frenesim antes do Winsol, sem tempo para compras. Existe uma dança tradicional de corte que só se realiza nesta altura. Há sempre um grupo de pessoas que querem recordar os passos — e também há jovens todos os anos que se apercebem que os machos que conhecem essa dança são alvo de maior atenção nas festas, por isso também querem aulas.

— Voltarás a dar-lhes aulas no ano que vem.

O frágil sorriso tornou-se amargo e Rainier não disse nada.

— Mas então porque é que andas a distribuir os presentes mais cedo?

— Vou passar o Winsol com a minha família.

— Porquê?

Uma gargalhada angustiada.

— Porque se sentiram na obrigação de me convidar e este ano não tinha a desculpa de estar muito ocupado até aos últimos dias de Winsol.

— Mas ainda podes estar muito ocupado. Vou buscar uma folha. Fazemos uma lista.

— Surreal.

Não sei resolver isto, pensou Surreal, sofrendo por ele. *Será que alguém sabe como tratar desta dor que está a corroer o âmago de quem é e daquilo que é?*

— Bom — disse Rainier, levantando-se. — É melhor pôr-me a caminho. Ainda tenho uns assuntos a tratar antes de partir para Dharo.

Foi ao seu encontro junto à porta da sala de estar e abraçou-o.

— Feliz Winsol, Surreal — disse, com a voz rouca.

— Feliz Winsol, Rainier —olveu, desejando poder dizer algo mais.

SEIS

No dia anterior ao início do Winsol, Daemon entrou numa sala de estar na ala da família do Paço, parando repentinamente.

— Mãe Noite — disse. — Onde encontraste uma árvore de folha persistente tão grandiosa — e perfeita?

Jaenelle sorriu-lhe.

— Não está nada mal, pois não?

Ofuscava-lhe a vista e tocava-lhe no fundo do coração. Pequenas bolas às cores brilhavam entre os ramos, os quais pareciam ter sido cobertos por uma leve camada de pó dourado nas pontas das agulhas. Sincelos de cristal pendiam dos ramos. E o aroma...

Daemon franziu o sobrolho e avançou para a árvore, estupefacto. O aroma da árvore deveria estar a tomar conta da sala.

Tocou num ramo. Os dedos atravessaram-no.

— Se te iludiu, iludirá toda a gente — disse Jaenelle.

— É uma ilusão? — Tentou tocar noutra ramo, relutante em acreditar.

— É. Fui eu que a criei. Eu e a Marian decidimos reduzir o número de árvores que esta família corta pelo Winsol.

Eu e o Lucivar não fomos para aqui chamados?

Deteve a ponta da língua entre os dentes. Como nunca participara numa celebração típica de Winsol ali no Paço, talvez não devesse tomar muitas decisões — talvez até nenhuma.

— Trouxemos algumas árvores cuja eliminação beneficiasse as árvores circundantes — disse Jaenelle. — Faremos uso dos ramos para criar coroas ou outras decorações. Com isso, a sala ficará com o aroma. — Dirigiu-se à porta, mas parou, como se estivesse a ouvir algo para além da sala. — Ah, que bom, a Marian chegou.

O que significava que Lucivar também chegara.

Bastardinho? chamou por meio de um fio psíquico masculino.

Deixa-me cá livrar do monstinho e já vou ter contigo respondeu Lucivar.

— Muito bem — disse Daemon a Jaenelle. — Como a Marian está cá, eu vou...

— Fica aqui — pediu Jaenelle, dirigindo-se à porta. — Preciso de fazer chichi e alguém tem de guardar as prendas até estarem todas convenientemente protegidas.

Daemon olhou para as prendas empilhadas em redor da árvore.

— Ah?

— Volto já, não saias daqui. Depois eu e a Marian vamos organizar as prendas e colocar as proteções adequadas.

— Mas o que pensas tu que lhes vai acontecer?

Limitou-se a olhá-lo.

— Tudo bem — disse Daemon, esforçando-se por não resmungar. — Eu guardo as prendas.

Estava quase a sair quando parou e olhou para ele por cima do ombro.

— O Papá já chegou há algum tempo, mas ainda não o vi.

Foi-se embora e Daemon ficou com a sensação de que fora empurrado para um quarto recôndito e que lhe fora atribuída uma tarefa disparatada só para o afastar do caminho. Fogo do Inferno, o pai e o irmão estavam no Paço. Devia passar algum tempo com eles em vez de montar guarda a caixas. Ou então devia estar no seu gabinete, a trabalhar. Ainda tinha trabalho a despachar. Não era muito, mas ainda era algum. Mesmo que não tivesse trabalho e estivesse simplesmente estendido no sofá a ler um livro, não se sentiria como um cachorro abandonado que alguém esquecera. Isto se estivesse no seu gabinete.

Bateram à porta. Antes que pudesse responder, entraram uma criada e dois lacaios com os braços cheios de caixas.

— Com a vossa licença, Príncipe — disse a criada. — Foi-nos indicado que trouxéssemos estas prendas para aqui.

Daemon sorriu e afastou-se.

— Vão a casa passar o Winsol? — perguntou.

— Hoje à noite vamos tirar à sorte para ver quem fica a trabalhar nesses dias — disse o laiaio mais jovem.

Empilharam as caixas em frente à árvore. Pouco depois de saírem, Lucivar entrou.

— Já te estás a esconder? — perguntou Lucivar. — O Winsol ainda não começou oficialmente.

— Estou a guardar as prendas — respondeu Daemon.

— Do quê? Não puseste comida ali debaixo, pois não? Nunca se põem prendas de comida debaixo da árvore. Um ano fiz isso e os parentes mais

jovens encontraram as caixas de caramelos e as de tiras de coiratos. Foi cá uma trapalhada.

— Se estiver comida ali debaixo, não fui eu que lá a pus.

— Ainda bem. Quero mostrar-te uma coisa. Mandeí fazê-la para o Daemonar e...

Voltaram a bater à porta e entrou uma criada.

— Disseram-me para pôr estas caixas debaixo da árvore — disse ela.

— Vão entrar e sair daqui o dia todo — disse Lucivar entredentes assim que a criada saiu. — Vamos ver se encontramos outra sala. Precisamos de uns minutos sozinhos.

— Eu devia ficar a guardar as prendas — disse Daemon.

— *Tsc.* O monstrinho está no quarto de brincar, fascinado com fantoches que tocam, por isso esta sala fica a salvo. Não vamos para muito longe. Além disso, ele não sabe em que divisão estão as prendas.

Uma vez que Daemon julgava que vigiar as prendas não deixava de ser uma tarefa inútil, não foi preciso uma grande persuasão. Ele e Lucivar apressaram-se pelo corredor, dobraram uma esquina sorrateiramente e esgueiraram-se para dentro de outra sala.

— Por acaso usamos esta sala? — perguntou Daemon, olhando em volta.

— É um santuário masculino — respondeu Lucivar. — Costumava vir aqui quando a assembleia estava praticamente a viver no Paço. Proporcionava aos rapazes espaço para respirar e falar entre eles, sem se afastarem caso fossem necessários. — Acenou uma mão, não dando outra importância à sala. — Olha para isto. — Invocou uma caixa retangular em madeira e vidro.

Obediente, Daemon inclinou-se para vê-la.

— É um bicharoco-na-caixa — disse Lucivar, sorrindo de orelha a orelha.

De uma das pontas da caixa surgiu um pequeno escaravelho preto. Enquanto avançava para a outra ponta, começou a crescer, a crescer, a crescer, até que...

Pop!

Ouviu sons. Daemon não conseguiu perceber se era o escaravelho a emitir os sons que eram um cruzamento entre um ruído de inseto e uma resmunguice, mas contribuía para a piada. Ou para a repugnância. Tinha uma forte suspeita de que a emoção da pessoa que via aquele brinquedo iria depender do facto de essa pessoa possuir um pénis ou mamas.

— Tens essa caixa protegida por um escudo, não tens? — perguntou.

Lucivar emitiu um som irritado de incredulidade.

— Tenho-o protegido por um escudo triplo. Não há forma de o Daemonar tirar aquele bicharoco da caixa.

— Se conseguir... — Daemon olhou para o irmão.

Lucivar suspirou.

— A questão que se põe é se a Marian irá tentar matar-me antes ou depois de se divorciar de mim.

— Desde que estejas ciente dos riscos. — Sorriu. Não conseguiu evitar. — O Daemonar vai adorar.

— Pois vai.

Imaginando a expressão de Daemonar quando o menino abrisse o presente trouxe-lhe à lembrança onde devia estar naquele momento.

— É melhor voltar para junto das prendas.

Lucivar fez a caixa desaparecer.

— Vou contigo. Se ao menos parecer que tenho que fazer, talvez não seja obrigado a fazer alguma coisa.

Apressaram-se de volta à sala, abriram a porta — e ficaram petrificados assim que entraram.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Quando saímos daqui, ele não estava sequer por perto — disse Lucivar. — Juro pelo que me é mais sagrado, ele não estava sequer aqui perto.

Bom, a verdade é que o monstinho estava agora no meio daquela sala, sentado no chão e rodeado por várias caixas e presentes de vários tamanhos, bem como montinhos de papel de embrulho.

— Papá! — gritou Daemonar. — Titi Daemon! ‘cutem!

Bum bum bum. O som de madeira no chão.

E o som de algo delicado — e indubitavelmente caro — a partir-se dentro da caixa.

Daemon sentiu os músculos do rosto a contraírem-se num sorriso tenso — talvez fosse uma careta. Decerto foi a reação adequada pois Daemonar sorriu-lhe e voltou a bater com a caixa no chão.

— O que quer que lá esteja dentro já está partido — disse Lucivar. — Não vale de nada tirar-lho agora das mãos. Ia logo agarrar-se a outra coisa.

— Temos de perceber quem o trouxe e substituí-lo. — *Doces Trevas, peço-vos que não seja algo encomendado de propósito, uma peça única.*

Lucivar olhou para o rapaz e para a trapalhada, cada vez mais atónito.

— A Marian quer outro destes.

— Outro quê?

Lucivar ergueu o queixo.

— Destes.

Daemon olhou para o rapazinho alado que era o motivo pelo qual Janelle ia desfazê-lo em pedacinhos e dá-lo a comer a alguém, e depois de novo para o irmão.

— *Mas porquê?*

Lucivar suspirou.

— Sei lá. — Depois semicerrou os olhos. — Mas tenho quase a certeza de que a culpa é tua.

Perdeu completamente a capacidade de falar. Ficou ali boquiaberto, olhando estupefacto para Lucivar, que acenou com a cabeça.

— Pois, tenho a certeza de que a culpa é tua.

— Bt. Dt. Zt. — A fala atabalhoada inflamou o cérebro chocado. — Como *não* sou eu que durmo com a tua mulher, a culpa *não* é minha.

Lucivar estava com um ar sinistramente satisfeito.

— Ai, isso é que é. Ultimamente, a Marian anda a referir o quanto eu aprecio ter um irmão da mesma idade.

Normalmente, também apreciava ter um irmão, mas não era isso que estava em causa.

— Não podes fazer isso — diz Daemon.

— Não é assim tão complicado — contrapôs Lucivar. — Basta não beber a infusão contraceptiva durante o período fértil da mulher e não é nada complicado. — Mudou o tom de voz ao acrescentar: — Além disso, pode não sair outro monstinho destes. Pode até sair uma feiticeirinha adorável. Uma miniatura da mãe.

Lucivar estava com uma expressão apatetada.

— Ah, não — lamentou-se Daemon. — Não, não, não. Estás a ser seduzido pela possibilidade de uma filha.

— Talvez.

— Sendo assim, deixa que te recorde que o nosso pai teve quatro filhos e todos tinham pilas. — Na verdade, tinham sido cinco, se contassem com o menino que fora assassinado pouco depois de nascer.

Lucivar olhou-o de esguelha.

— Mas então estás a dizer-me para não contar com uma feiticeirinha adorável?

— Estou a dizer que as probabilidades não jogam a teu favor, por isso antes de deitares a infusão contraceptiva pela pia abaixo, pensa como será ter dois *daqueles* em casa.

Lucivar crispou-se e resmungou:

— O mais provável é que um deles acabasse a viver contigo metade do tempo.

Era uma clara possibilidade — e era isso mesmo que ele temia. Não é que não amasse Daemonar. Amava. Contudo, a maior parte dos dias amava-o muito melhor sabendo que podia enviar o rapaz de volta para a casa dele.

De súbito, Lucivar ficou nervoso.

— Quanto tempo devias ficar a guardar esta sala?

Daemon sentiu o sangue a fugir-lhe da cabeça.

— Mãe Noite. A Jaenelle deve estar a voltar a qualquer momento.

Saltaram para a frente no preciso momento em que Daemonar batia uma última vez com a caixa no chão antes de a atirar e pegar noutra.

— Leva daqui o menino e eu farei o possível por arrumar — ou esconder — esta barafunda — disse Daemon.

Lucivar agarrou em Daemonar e fê-lo rodopiar em direção à porta, distraíndo-o do pormenor de estar a ser levado para longe dos presentes.

Assim que o irmão e o menino desapareceram, Daemon pôs-se de joelhos e começou a juntar as caixas e papéis de embrulho.

Podia fazer aquilo desaparecer para mais tarde organizar tudo — caso conseguisse pensar numa desculpa que Jaenelle aceitasse para o desaparecimento dos embrulhos.

Claro que aquelas caixas tinham chegado depois de ela ter saído, por isso talvez não tivesse conhecimento delas. Isso seria muito bom. Seria maravilhoso. Isso seria...

A porta abriu-se... e ele ficou imóvel. Quando não ouviu um guincho indignado, atreveu-se a olhar por cima do ombro.

Saetan estava à porta, com uma expressão claramente divertida. O sacana.

Daemon disse:

— Se me amas um pouco que seja, não me perguntes como é que isto aconteceu e ajuda-me a arrumar tudo.

Saetan avançou para Daemon enquanto a porta se fechava silenciosamente atrás dele.

— Eu sei como é que aconteceu. Como recompensa e para te proporcionar uma pausa do caos festivo espalhado pelo Paço, a tua mulher pediu que vigiasses as prendas. E tu, não tendo cabecinha para te instalares comodamente com um conhaque e um livro, chegaste à conclusão que vigiar as prendas era um disparate. Por isso, saíste “só por uns minutos” e, quando voltaste, percebeste a confusão que se consegue fazer em tão pouco tempo.

Daemon fechou os olhos e encolheu os ombros. Naquele momento, abdicaria de bom grado dos privilégios da vida adulta se pudesse varrer as responsabilidades de adulto para debaixo do sofá — juntamente com todo o papel de embrulho rasgado.

— Como soubeste? — perguntou Daemon.

— Já tive um — respondeu Saetan.

Intrigado, olhou para o pai.

— Um quê?

— Um rapazinho eyrieno. Aprendi a lição às minhas custas e agora, meu querido, também tu aprendeste.

— Podias ter-me advertido.

— Não terias acreditado em mim.

E então? Seja como for, podias ter-me avisado.

Como isso não lhe iria facultar a ajuda de que precisava, engoliu o comentário e tentou parecer aflito. Não foi difícil.

— Socorro?

Mediante a Arte, Saetan deslocou uma cadeira de costas direitas de um lado da sala, colocou-a junto de Daemon e sentou-se.

— Vou mostrar-te um truque. Desde que não o uses muitas vezes, consegues safar-te. Especialmente nesta época, durante a qual se perdoam os pontos fracos dos machos. Grande parte deles.

— O primeiro problema é descobrir a quem se destinavam estes presentes — explicou Daemon.

— Essa parte é fácil. Trouxe estes, por isso sei a quem pertence cada caixa.

— Bt. Dt. Zt. — À segunda tentativa conseguiu formar palavras verdadeiras. — Trouxestes estes? Então mas porque raio *não* os envolveste com escudos?

Uma sobrancelha soerguida foi a singela resposta — e uma advertência tácita de que Saetan podia sair da sala sem incorrer na raiva de uma mulher.

Considerando a reprimenda suficiente, Daemon disse entredentes:

— Peço desculpa.

Calculando que o melhor seria confessar o pior, empurrou a caixa que Daemonar estivera a bater no chão — e crispou-se ao ouvir o alegre tilintar de vidro partido.

Não houve qualquer reação. Somente a sensação da admirável presença do pai.

— Lição número um — disse Saetan, com um ar terrivelmente divertido. — Se colocares escudos nas prendas, também terás de colocar escudos na sala e trancar a porta por meio da Arte a ponto de manter as criancinhas afastadas. Caso contrário, a criança alegre e excitada irá dar lugar a uma criança rabugenta e frustrada. Acredita em mim, um menino eyrieno frustrado durante o Winsol é duas vezes pior do que estás a imaginar neste momento — especialmente quando a sua cabecinha está ofuscada por caixas e fitas brilhantes.

— Quer dizer que eu e o Lucivar não podemos simplesmente... — O quê? Colocar escudos e trancas Ébano-Acinzentadas e Negras em redor do quarto? Certamente manteria Daemonar afastado, mas também afastaria todas as outras pessoas — incluindo esposas que não apreciariam ficar do lado de fora.

— Muito bem — disse Daemon, tentando não suspirar. — Montar guarda ao quarto quando for a minha vez. Não colocar escudos em *todas*

as prendas. — Tocou na prenda partida. — Se me disseres onde adquiriste este, hei de conseguir substituí-lo a tempo. — *Espero eu.*

— Isso? Podes deitá-lo fora. É só uma caixa com chávenas lascadas e estatuetas partidas. A Helene e a D. Beale têm uma caixa desses cacos só para este tipo de prendas.

Uma neblina vermelha surgiu defronte dos olhos de Daemon.

— Que tipo de prendas?

— Do tipo que chocalha a ponto de parecer interessante. Em especial quando as coisas dentro da caixa começam a partir-se.

— Fizeste isto propositadamente?

— Fiz.

Estava a tentar com afinco recordar-se porque desejara tanto a chegada do Winsol naquele ano — e porque ficara tão feliz por ver o pai minutos atrás.

— Lição número dois — disse Saetan. — As prendas frágeis ou delicadas ficam atrás onde as possibilidades de serem detetadas por crianças curiosas são bem menores. Mesmo assim, são escudadas individualmente e depois agrupadas antes de serem protegidas por uma “rede” de escudos e essa rede é depois ligada ao chão por meio da Arte. No entanto, deve haver sempre uma prenda frágil e sem grande valor colocada à frente da árvore onde chame a atenção de um rapazinho. Dessa forma, haverá a possibilidade de o apanhar enquanto está distraído pela prenda falsa e não será preciso explicar a perda de uma prenda dispendiosa.

Daemon olhou para o monte de prendas. Todo aquele trabalho para manter *um* rapaz afastado? O que aconteceria se...

— A Marian quer outro filho — disse.

Um momento constrangido de silêncio. De seguida, Saetan falou:

— Nesse caso, meu querido, aconselho-te a aprender alguns destes feitiços e a trabalhares neles até os conseguires pôr em prática num piscar de olhos.

Ou podiam todos celebrar o Winsol na casa alcantilada e nesse caso a responsabilidade de vigiar os presentes caberia a Lucivar.

Ponderou na possibilidade de se escapar ao serviço de vigilância independentemente do local onde a família se reunisse para passar o Winsol — e suspirou.

— Lição número três. — Saetan invocou uma pequena ampulheta, virou-a e fê-la pairar no ar. — Mantém-te concentrado na tarefa. Quando vi o Lucivar a fugir daqui com o Daemonar, pedi à Jaenelle e à Marian que tomassem um café calmamente antes de regressarem a esta sala.

— Não irão desconfiar de que há algum problema e de que as estás a empatar até que se resolva? — perguntou Daemon.

— É evidente que sabem da existência de um problema qualquer. Contudo, este pedido está tão consagrado pela tradição tal como o Protocolo — e é igualmente cumprido com rigor. Pesando tudo, como aquelas duas entendem efetivamente os machos envolvidos na questão, calculo que tenhas ainda dez minutos para voltar a pôr tudo como estava.

Talvez pudesse atar uma fita em volta do pescoço e enrolar-se com outras prendas frágeis e delicadas.

— Apanha os pedaços de papel de embrulho que têm fitas e cartões com nomes — disse Saetan.

Gatinhou pela sala até ter a certeza quase absoluta de que os recolhera todos. Depois, pegou na primeira caixa.

— Essa é tua — disse Saetan.

— Minha?

Um deleite afetuosos percorreu-lhe o corpo. Uma prenda. Do seu pai.

Quando começou a tentar abrir a parte de cima da caixa, Saetan estendeu a mão e pousou-a na caixa, não a deixando abrir. Quando tirou a mão...

Daemon agitou a tampa, acabando por levantar a cabeça, incrédulo.

— Trancaste a caixa. *Trancaste a minha prenda com Arte.*

— No Winsol, quando for altura de abrir as prendas, esta é a tua — disse Saetan. — Até lá, essa caixa ainda é minha. E vai ficar trancada.

Muito bem. Ah! Saetan usava a Negra. Ele também. Não iria permitir...

A negra continha algum poder Vermelho entrelaçado, tornando uma simples tranca num quebra-cabeças sinuosamente elegante que teria de ser desenredado para abrir a caixa.

— Trancaste a minha prenda — disse Daemon, amuado. — Sou adulto e trancaste a minha prenda.

— És um filho prestes a abrir uma prenda antes da altura de abrir as prendas — respondeu Saetan com ternura. Depois olhou para a ampulheta vincadamente. — Queres discutir agora por causa disto?

Teve de pensar na resposta por um instante.

— Encontra a etiqueta do nome — disse Saetan, tirando-lhe a caixa das mãos.

Depois de lhe entregar a etiqueta, recostou-se nos calcanhares.

Saetan pousou o pedaço de papel de embrulho na caixa e alisou os vincos.

— Devias ser tu e o Lucivar a entregar as prendas. Uma pessoa só não vai reparar numa prenda embrulhada desta maneira, mas quem estiver a entregar várias...

Enquanto olhava, o papel de embrulho cresceu daquele pedaço, envolvendo a caixa.

— O melhor é elaborares o teu próprio feitiço ilusório para isto — aconselhou Saetan. — Dessa forma, conseguirás realizá-lo mais depressa, uma vez que normalmente *é preciso* lançá-lo depressa.

O feitiço ilusório era bom. Se não tivesse visto o papel a ganhar forma em redor da caixa, dificilmente teria notado a diferença de textura. Não sabia bem como alguém poderia “desembrulhar” uma ilusão, mas nesse dia iria descobrir.

Os embrulhos tinham sido repostos, juntara os restantes pedaços de papel e fizera desaparecer a prenda sem valor e ainda tinha alguns grãos de areia na ampulheta quando se levantou e sacudiu a roupa.

Saetan fez desaparecer a ampulheta e devolveu a cadeira ao seu lugar habitual na sala.

Estavam ambos ali em pé, a montar guarda ao monte de prendas embrulhadas na perfeição quando Marian e Jaenelle entraram na sala.

Jaenelle atentou nos dois. Marian aproximou-se da árvore, contraiu os lábios, passou a mão entre duas prendas e pegou nalguma coisa.

— Eu e o Príncipe temos um assunto a discutir, por isso vamos deixar as Senhoras a organizar os presentes — disse Saetan.

Temos algum assunto a tratar? perguntou Daemon num fio psíquico masculino.

Temos, pois.

A julgar pelo tom de Saetan, não era de esperar uma discussão agradável, mas qualquer coisa seria melhor do que ficar naquela sala.

Já estavam junto à porta quando Marian chamou:

— Daemon?

Saetan saiu. Não tendo outra opção mais segura, Daemon virou-se e aguardou pela feiticeira doméstica eyriena.

Havia algo genuinamente feminino na expressão dela enquanto avançava para ele, acrescentando à impressão de que se estava a rir dele.

Começou com suores gelados.

— Este passou-te despercebido — sussurrou enquanto lhe mostrava um pedaço de papel de embrulho.

Ele pegou no papel, fê-lo desaparecer — e fugiu dali para fora.

Ao alcançar Saetan, os dois homens abrigaram-se no gabinete, onde Lucivar foi ter com eles.

— Prometi ao Kaelas e ao Jaal que lhes haveria de oferecer um novilho para o jantar de Winsol se não deixarem o Daemonar sair do quarto onde o deixei — disse Lucivar.

— Prometeste-lhes a quantidade equivalente de carne ou o animal vivo? — perguntou Saetan.

— Ao que parece, não sabe tão bem se já estiver esquartejado — disse

Lucivar entredentes. — Ou talvez não seja tão divertido de comer. Foram um pouco imprecisos quanto a esse ponto.

— Compreendo. — Saetan pigarreou com delicadeza. — Por conseguinte, vais fazê-los jurar que não vão comer o jantar *deles* onde possam ser vistos das janelas da sala de jantar, não vais?

A boca de Lucivar abriu-se e fechou-se mas não saiu dela qualquer som.

— Mãe Noite — disse Daemon. Se as pessoas perdessem o apetite por verem um tigre de duzentos e setenta quilos e um felino arceriano de trezentos e sessenta quilos a devorarem uma presa acabada de abater, a D. Beale haveria de...

Não ia pensar no que a D. Beale haveria de lhe fazer e ao Lucivar também.

— Quase lamento perder tudo isto — disse Saetan com um sorriso. — Quase.

Num piscar de olhos, Lucivar passou de homem vacilante a guerreiro. Deslocou-se: um ligeiro passo lateral que bloqueava efetivamente qualquer fuga pela porta.

Daemon deslocou-se na direção oposta, chamando a atenção, mantendo a presa concentrada naquilo que estava à frente dele ao invés de atentar no perigo à retaguarda.

Ele e Lucivar tinham jogado aquele jogo dezenas de vezes. Centenas de vezes. Assim que a presa ficava entre os dois... Concentrada num deles, o outro seria o atacante.

Saetan observou-o. Como era um homem inteligente, sabia exatamente o que os filhos estavam a fazer — e o papel que restava naquele pequeno drama a três.

— Não estarei convosco no Winsol — diz Saetan com serenidade. — Passei hoje por cá para deixar as prendas — e para vos informar de que ficarei na Fortaleza.

— Não — disse Lucivar.

— Não quero debater este assunto — disse Saetan, ainda atentando em Daemon. — Não quero discussões por causa disto. Estou a pedir-vos que aceitem.

— Porquê? — questionou Daemon com calma.

— Amo-vos aos dois. É um facto. Mas toda esta... agitação... é para os jovens.

— Ora, Fogo do Inferno — rosnou Lucivar. — Não te vamos arrastar para festas e outras coisas onde não queiras estar presente. — Olhou para o irmão. — Não é?

— Não é só isso — disse Saetan. Passou uma mão pelo cabelo e suspirou. — Fiz isto. Durante décadas, durante séculos, fiz isto. As grandes

festanças. Os compromissos sociais nos quais tinha de comparecer porque assim era esperado de mim como Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan. Convidados e barulho. Ambos têm agora essas responsabilidades e é assim que deve ser. No entanto, este ano quero paz durante a noite mais longa do ano. Quero caminhar sozinho num dos jardins da Fortaleza. Quero que seja assim. Creio que é merecido.

Antes que Lucivar pudesse resmungar, Daemon disse através de um fio psíquico masculino:

Não discutas. Deixa estar.

A única resposta de Lucivar chegou através de um olhar lancinante.

— É isso mesmo que queres? — perguntou Daemon a Saetan..

— É isso mesmo que quero. — O sorriso de Saetan continha um vestígio de mágoa — não pela decisão, mas devido à discussão que antecipara e que ainda iria acontecer. — Não espero que percebam, mas peço-vos — a ambos — que aceitem. É como se me desse um presente.

Daemon aguardou um segundo, como se estivesse a discutir o assunto em privado com Lucivar. Até que disse:

— Muito bem. Aceitamos a tua decisão — como o nosso presente.

— Obrigado. — Saetan virou-se e levantou uma sobrancelha dirigida a Lucivar, que se afastou com relutância.

No instante em que a porta do gabinete se fechou atrás do pai, Lucivar virou-se para Daemon:

— Vamos mesmo deixá-lo fazer isto? Vamos permitir que o nosso pai passe o Winsol sozinho?

— Sim, vamos — respondeu Daemon, aproximando-se. — A idade começa a pesar-lhe, Bastardinho. O Andulvar, o Mephis e o Prothvar já cá não estão. É-lhe penoso estar aqui sem eles. Sabes bem que isso contribuiu grandemente para a sua decisão de se retirar para a Fortaleza.

— Mas já cá não estavam no ano passado — contrapôs Lucivar.

— No ano passado, estava a tomar conta de nós. De mim, mais do que de ti. A Jaenelle estava tão frágil e eu... — Não sabia se ela iria sobreviver ao inverno. Não sabia se ele próprio iria querer sobreviver se ela não conseguisse.

— Eu sei. — Lucivar inspirou fundo e expirou devagar. — Não gosto disto. Não devia passar o Winsol sozinho. No fundo, nenhum deles devia passar sozinho. O Geoffrey, a Draca. Até o Lorn. Não deviam ficar sozinhos. Não durante esta celebração.

— Não vão estar sozinhos.

Lucivar franziu o sobrolho.

— Mas deste-lhe a tua palavra.

Daemon anuiu.

— Pediu um Winsol solitário e é isso que terá. Ou algo parecido. No entanto, encontraremos uma forma de também lhe dar a família. A todos eles.

— Quando descobrires como vais fazer isso, conta comigo para o que precisares.

Sorriu.

— Adoro-te, Bastardinho.

O sorriso indolente e arrogante.

— Continuarás a dizer isso se eu decidir deitar a infusão contracetiva pela pia abaixo?

— Continuarei, mas menos vezes.

Daemon contemplou o prato de caramelo que ficara entre Marian e Jaenelle, acabando por decidir que tentar tirar um pouco não compensava perder uma mão. Por isso, optou por uvas e queijo para acompanhar o café depois do jantar.

Tinha sido um jantar bastante tranquilo uma vez que Daemonar adormecera a meio da refeição. Agora que já não se mexia, tinha um ar encantador e amoroso. A uma determinada altura do dia, conseguira um fio de sinos que usava em volta do pescoço como a sua “Joa”.

Daemon sorriu perante o menino adormecido. Daemonar mostrara-se encantado com o tinido dos sininhos. Ele e Lucivar tinham ficado ainda mais encantados quando se aperceberam de como era fácil localizar o monstrinho. Nenhum dos homens tinha expectativas elevadas quanto a convencer Marian a tornar os sininhos num acessório permanente, mas certamente iriam tentar convencê-la.

— Pois muito bem — disse Jaenelle enquanto escolhia um pedaço de caramelo. — Parece-me que estamos preparados para o Winsol.

— Parece que sim — concordou Marian.

— A mim parece-me que vocês as duas estão a lidar muito bem com a decisão do Senhor Supremo — disse Daemon erguendo a chávena de café num cumprimento.

— Decisão? — perguntou Jaenelle. — Oh! Agora me lembro. O Papá disse que vocês os dois tinham um assunto para falar connosco.

Daemon sentiu a refeição que acabara de comer a solidificar até ficar numa rocha sólida, afundando-lhe o estômago até ao chão.

Não foi capaz disse Lucivar num fio psíquico masculino.

Oh, parece que foi respondeu Daemon. Olhou para Jaenelle e Marian — perguntando-se de seguida se conseguiria correr a uma velocidade que o levasse para fora da sala antes que uma delas explodisse, talvez até as duas.

— Não disse nada a nenhuma das duas?

— Sobre o quê? — perguntou Jaenelle.

— Sobre não se juntar a nós no Winsol.
A resposta delas limitou-se a um silêncio ensurdecedor.

Sem nada vestido para além de um quente roupão comprido, Daemon entrou sorrateiramente no quarto e juntou-se a Jaenelle, que estava de pé junto à porta de vidro que dava para o seu pátio privado. Envolvendo-a com os braços, puxou-a para ele de modo a aquecê-la e passou a face no seu curto cabelo louro.

— Estás transtornada com a decisão do Pai? — perguntou-lhe.

— Um pouco — respondeu. — Mas não me surpreende, agora que tive tempo para pensar nisso.

Havia algo mais. Conseguia vê-lo no rosto dela, refletido no vidro.

— Antes de atingir a maioridade, davam-se festas — disse Jaenelle. — Muitas. A assembleia ainda vivia aqui grande parte do tempo. Os rapazes também. Saetan marcava presença num número esgotante de celebrações formais como Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan e acompanhava-me a outras tantas. Depois, a assembleia e os rapazolas iam para casa celebrar o Winsol com as famílias.

“Um rodopio estonteante de pessoas ao longo de seis dias. Porém, na véspera do Winsol, mesmo antes da meia-noite, Saetan trazia duas chávenas de rum misturado com sangue para a minha sala de estar. Um brinde ao mito vivo. Sempre achei aquilo constrangedor, a ser alvo de brindes daquela forma. Depois, dançávamos. Uma dança de corte. Muito formal. Muito tradicional. Uma coreografia que se executa somente nesta época do ano.

“O serão seguinte, a noite mais longa do ano, era dedicada à família. Sem visitas, sem forasteiros. Só o Mephis, o Prothvar, o Tio Andulvar, o Papá e eu. Um jantar simples. A seguir, abríamos as prendas uns dos outros.

— Não me lembro de celebrares em privado com o Senhor Supremo — disse ele.

— Não o fizemos nestes últimos dois anos. Ele afastou-se. Por ti.

— Compreendo — disse Daemon em voz baixa. E compreendia. O Administrador a ceder perante o Consorte. O pai a ceder perante o amante. O facto de ser ele o amante devia ter pesado grandemente na decisão de Saetan.

Olhou para o reflexo de ambos no vidro. Era como ver Jaenelle a desembrulhar delicadamente camadas do seu coração.

— E que mais? — perguntou.

— Naqueles anos, era um deslumbramento de gente durante o Winsol — disse ela. — Um caleidoscópio de cores e rostos. Ainda mais depois de me tornar Rainha de Ebon Askavi e de ter a minha própria lista de eventos

sociais aos quais tinha de comparecer pois faziam parte dos meus deveres como Rainha. Porém, o momento que me recordo com clareza, o momento que se destaca em cada um desses anos, é a dança com o Saetan.

— Lamento, meu amor, mas não entendo o que estás a tentar dizer-me.

Viu os lábios dela a comprimirem-se numa linha tensa, sentia-a estremecer ao inspirar e expirar. Abraçou-a e aguardou, atento ao reflexo de ambos.

— Um dia, vou acordar e dar-me conta de que envelheci. — Levantou a mão esquerda. — Quando me deste esta aliança, estavas ciente da diferença que implicava as nossas raças.

— Algumas pessoas passam uns anos juntas e depois separam-se seja lá por que razão for. Outros desfrutam de algumas décadas. Outras ainda dispõem de toda uma vida. Sei bem o que significa a diferença entre as nossas raças, Senhora. Acolherei todos os dias que estiveres disposta a dar-me.

Ela acenou com a cabeça.

— Esse é o cerne da questão. Tens deveres sociais. *Temos* deveres sociais. No entanto, não quero que estes dias não sejam mais do que uma confusão de eventos e rostos. Quero memórias, Daemon. De ti. De nós. Desejo esses momentos nítidos aos quais o coração se agarra. Contigo.

— E com ele.

— Sim. Também com ele. Esperaste mil e setecentos anos pela Rainha que deseavas servir. O Saetan aguardou cinquenta mil.

— Alguns dias desta celebração só para nós os dois? É isso que queres?

— Sim, é isso que quero.

Algo dentro dele acalmou. Beijou-lhe a têmpora.

— Sendo assim, é isso que faremos. E podemos começar com isto. — Invocou uma caixa retangular e ofereceu-lha.

Jaenelle abanou a cabeça e virou-se, dando um passo para longe dele.

— Abrimos as prendas no Winsol.

Daemon sorriu de um modo muito especial — e viu-a corar em reação.

— Tens de abrir esta agora para que possas planear antecipadamente quando a irás usar.

Hesitou, até que pegou na caixa e a abriu.

Atento a Jaenelle, Daemon engoliu a vontade de rir, curioso quanto ao tempo que ela iria ficar a olhar para aquele pedaço de nada.

Por fim, tirou da caixa o triângulo de tecido dourado ricamente bordado.

— Ma o que...?

— As fitas rodeiam as tuas ancas — disse de modo prestável.

— Oh. — Fez desaparecer a caixa e colocou o triângulo na posição. — *Oh.*

Vendo aquele pedacinho de nada no lugar certo, até sobre um grosso roupão de inverno, bastou para que o seu sangue começasse a ferver.

— Julguei que poderíamos jantar sozinhos num destes dias de Winsol

— disse Daemon. — Podias usá-lo sob o vestido que mandaste fazer para a nossa dança na casa arrepiante. Só isso e mais nada.

Só a ideia de a ver naquele fino vestido fez com que o seu pénis ficasse duro.

Corando e ainda com um ar desconcertado, disse:

— É esta a minha prenda?

Abraçou-a e puxou-a para junto dele, não lhe deixando quaisquer dúvidas acerca do tipo de memória que queria criar daquela noite.

— Não, minha amante — ronronou. — Essa prenda é para *mim*.

SETE

No terceiro dia do Winsol, Daemon entrou na casa alcantilada de Lucivar e apanhou o rapaz que entre saltos e voos lhe apareceu à frente.

— Titi Daemon!

Deu um beijo repenicado na face de Daemonar.

— Olá, rapazolas. Estás a portar-te bem?

Tanto ele como o menino ignoraram o rosnado que veio da cozinha em resposta àquela pergunta.

— Lê-me uma história? — perguntou Daemonar.

— Podemos ler uma história depois de...

— Lê-me uma história agora?

— Deixa-me perguntar ao teu papá.

— Temos árvore. Eu mostro!

O rapaz era difícil de segurar quando começava a contorcer-se. Daemon pô-lo no chão e ficou a vê-lo a correr até ao lado da sala onde cintilava outra árvore criada por meio da Arte.

— Olha, Titi Daemon!

Antes que Daemon pudesse gritar “Não”, Daemonar começou aos pontapés às prendas embrulhadas.

Não aconteceu nada.

A porta da frente abriu-se, entraram Marian e Jaenelle e Daemonar correu ao encontro delas. Como não parecia tencionar desviar-se do tio, Daemon saiu do caminho dele, por cautela.

— Titi J.! Titi J.! Temos uma árvore!

— Estou a ver — disse Jaenelle, acorando-se para receber os abraços e beijos. — Gostas da árvore que eu fiz para a casa alcantilada?

— Gosto! Vou ler uma história para ti! Agora vou ler uma história para ti!

— Podemos ler uma história depois da refeição? — perguntou Jaenelle.

— Estou cheia de fome.

— Está bem!

Marian sorriu e estendeu a mão. Ciente de que seria melhor nem sequer dar a entender de que era perfeitamente capaz de pendurar o seu próprio casaco, Daemon despiu o sobretudo e entregou-o a Marian antes de ir para a cozinha.

— Colocas feitiços ilusórios de prendas em redor da tua árvore? — perguntou Daemon a Lucivar.

— As prendas verdadeiras estão no Paço — disse Lucivar enquanto tirava um grande guisado do forno e o pousava na mesa.

— Então e nós não podíamos ter tido as prendas ilusórias? — resmungou Daemon.

— Ou ficas com as prendas verdadeiras até as abirmos na Noite de Winsol ou ficas com o rapaz.

— Eu fico com as prendas — disse Daemon demasiado depressa.

— É uma escolha inteligente. — Lucivar inclinou o pescoço de um lado para o outro para aliviar os músculos. — Fogo do Inferno, este ano não está a dar um minuto de descanso.

— Parece que a Marian não te irá deixar construir uma gaiola.

— Nem pensar. Além disso, sempre que resmungo por causa do miúdo, o avô dele ri-se de mim.

— Parece-me uma atitude mesquinha do Pai.

Lucivar fez uso da Arte para cortar um pão de forma, colocando-o na mesa juntamente com a manteiga.

— Sabes o que me assusta a sério? As vezes em que o Pai olha para mim e diz: “Tu ainda eras pior”. Faz-me pensar se me estou a safar ou se deveria começar a preparar-me. — Acabou de pôr a mesa. — Eu e a Marian costumamos beber cerveja com esta comida pois vai bem com guisado, mas posso abrir uma garrafa de vinho para ti.

— Pode ser cerveja.

Enquanto servia a cerveja, Lucivar disse:

— Como está o Yuli? Foi onde estiveste esta manhã, não foi? Naquela escola?

Yuli era um rapazinho órfão que ele e Jaenelle tinham conhecido ao salvarem Surreal e Rainier da casa arrepiente de Jarvis Jenkell.

— Está bem. Grande parte do tempo ainda continua com muito medo de cometer algum erro e de ser duramente punido para conseguir descontrair — pelo menos, de acordo com os professores — mas o Peúgas não tem medo de emitir opiniões sobre o que quer que seja, por isso a cria sceltita contrabalança o rapaz. — Daemon olhou em redor. — Por falar em crias, onde estão os lobos?

— Andam por aí a fazer coisas de lobos, graças às Trevas. — Lucivar subiu o tom de voz. — A comida está na mesa.

Jaenelle e Marian sentaram-se de um dos lados da mesa, com o menino entre ambas. Daemon e Lucivar sentaram-se do outro lado. Enquanto os adultos conversavam sobre trivialidades, Daemon foi-se apercebendo de que o rapaz estava demasiado excitado pela companhia e pelas festividades e que o seu mau comportamento não tardaria a chocar com o mau génio de Lucivar.

Foi então que Jaenelle proferiu uma frase tranquila em eyrieno e Daemon testemunhou a prova de que Daemonar realizara a transição de bebé para menino nas últimas semanas. Pois a reação de Daemonar àquela voz não era a de um sobrinho a reagir a uma tia; era a de um Príncipe dos Senhores da Guerra a reagir à sua Rainha.

Daemonar acalmou-se e começou a comer com modos, olhando de relance com frequência para o pai à espera de aprovação e confirmação de que estava a comportar-se como devia.

O menino já não era somente um pequeno macho. Nascera Príncipe dos Senhores da Guerra. Daí em diante, os machos adultos começariam a tratá-lo com tal — e a treiná-lo como tal.

No final da refeição, Jaenelle e Daemonar foram para a sala da família ler um livro e Marian desapareceu.

Lucivar sorriu enquanto levantava a mesa.

— Há dias em que ir sozinho à casa de banho é um luxo.

Daemon despiu o casaco preto e arregaçou as mangas da camisa.

— Eu lavo a louça.

— Combinado. Já pensaste no que vamos fazer quanto ao Winsol?

— Já — disse Daemon enquanto enchia com água um dos lados do lava-louça. — E tenho uma ideia de como poderemos concretizá-lo.

— O monstinho costuma dormir umas duas horas à tarde, por isso deve estar a dormir profundamente quando a Jaenelle chegar à última página. Depois disso podemos conversar.

Marian fez café, Lucivar levou Daemonar para a cama e quando os adultos se reuniram na sala de estar da família, Daemon contou-lhes a ideia que tivera.

— Sim — diz Jaenelle a sorrir.

— É maravilhosa — disse Marian.

Lucivar não disse nada. Não precisava pois o seu olhar dizia tudo.

OITO

Era final da tarde da véspera de Winsol e as ruas e passeios de Amdarh ainda estavam cheias de gente. Mas não eram pessoas que andavam às compras. Tratava-se dos mercadores que tinham fechado as suas lojas e estavam agora a rumar às suas casas, onde aguardavam famílias e amigos.

Daí a uma hora, as ruas continuariam apinhadas, pensou Surreal enquanto abria a porta da carruagem e aceitava o apoio de um Senhor da Guerra que passava por ali naquele momento, de modo a sair da carruagem para o passeio. Era um daqueles pormenores que aprendera a aceitar durante a sua vivência em Kaeleer: levava menos tempo a aceitar ajuda de que não se precisava nem se queria do que levava a explicar a um macho solícito o motivo pelo qual não queria nem precisava dessa ajuda.

O Senhor da Guerra acompanhou-a à porta do edifício onde Rainier vivia, desejou-lhe um feliz Winsol e retomou o seu caminho.

Não se atreveu olhar para o motorista. Helton *dissera-lhe* para levar um laçao ao seu serviço, mas parecera-lhe uma palermice arrastar outro homem simplesmente por causa de um afazer sem importância.

Idiota, pensou ao atravessar o vestíbulo até à receção, onde podiam ser deixados pacotes ou mensagens destinados aos residentes. *Da próxima vez, dá ouvidos ao Helton.*

Sorriu para o Senhor da Guerra que se encontrava na receção, reconhecendo-o de outras alturas em que ali fora ao encontro de Rainier antes de uma saída por ficar no caminho em vez de ser ele a demorar mais tempo até à casa da cidade de Surreal.

— Senhora Surreal — disse o Senhor da Guerra.

— Feliz Winsol — respondeu. — Gostava de deixar uma encomenda para o Príncipe Rainier. Podereis certificar-vos de que a recebe quando regressar a casa?

Um momento de hesitação.

— O Príncipe Rainier regressou a casa faz uma hora.

— Mas... — *Devia estar com a família em Dharo.*

Outra hesitação. Uma pausa deliberada de um homem a decidir se havia de se imiscuir.

— Talvez preferísseis entregar a encomenda em mãos?

Surreal atentou no homem.

— Ele pediu-vos para dizer a quem perguntasse que não estava em casa, não foi?

— Disse que não queria ser incomodado.

Com certeza que disse. Encostou-se ao balcão.

— Credes que fui suficientemente assustadora durante esta nossa conversa?

— Oh, não, Senhora, fostes... — Parou. Ponderou. Sorriu ao abrir o armário de parede atrás dele de onde retirou uma chave que lhe entregou.

— Fostes bastante convincente na vossa insistência para que vos desse a chave de reserva para que pudésseis colocar o presente do Príncipe no seu apartamento em vez de o deixardes aqui na receção.

— Uma vez que ele já foi bastas vezes alvo da minha insistência, acreditará em como fui convincente — disse, piscando o olho.

Subiu as escadas devagar e com firmeza, o que não evitou que ouvisse o som áspero dos pulmões quando alcançou o piso de Rainier. Como conseguia ele subir as escadas com a perna como estava? Teria juízo para as descer a pairar?

Provavelmente não teria.

Quando chegou à porta dele, esperou um momento até recuperar o fôlego. Não valia a pena iniciar uma discussão se não fosse capaz de gritar com ele.

Fez o presente desaparecer, destrancou a porta e entrou na saleta, dando com Rainier de pé à espera do intruso, pálido e furioso.

— Surreal...

— Usas a Opala, eu uso a Cinzenta. Supero-te. Está caladinho.

Conseguia sentir a fúria dele a ganhar intensidade, mas não era parvo. O facto de ser Príncipe dos Senhores da Guerra não compensava a diferença de poderes.

— Devias estar de visita à tua família — disse Surreal.

— Já os visitei. Agora regressei.

E parecia ainda mais amargo do que quando partira.

— Ora ainda bem, até porque a família vai reunir-se na Fortaleza para passar o Winsol. Hoje à noite, vamos os dois jantar tranquilamente na casa de cidade e amanhã à tarde vamos para a Fortaleza.

— Surreal, é uma reunião familiar. Eu não faço parte da família.

— Oh, isso não constitui um problema. — Aproximou-se dele, sorriu e deu-lhe uma palmada no ombro com tanta força que quase o derrubou. — Agora és primo honorário. Se ficares irritado por causa disso, vou dizer ao Daemon e ao Lucivar que não querias fazer parte da família durante o Winsol porque não querias ter qualquer parentesco com *eles*. Não irá ser divertido quando aparecerem aqui a exigir uma explicação?

— Cabra.

— Rapazolas, nem queiras saber. — Deu-lhe uns momentos para que percebesse como estava encurralado. — Ora bem, ainda tens as malas feitas ou precisas de ajuda?

— Amanhã trato disso se quiseres regressar já a casa — disse Rainier.

Cerrou os dentes mostrando um sorriso.

— Tu e a tua mala vão regressar comigo para a minha casa. Onde vais pernoitar.

— Não vou fugir.

— Podes ter a certeza que não. Não vou encará-los a todos sozinha.

Olhou-a com atenção. Depois, suspirou.

— Tudo bem. Vou trocar umas peças de roupa. Dá-me uns minutos.

— Não demores. O motorista está à espera e o Helton começa a ficar preocupado se me atrasar.

Rainier soltou uma gargalhada e coxeou até ao quarto.

Surreal fechou os olhos. Rainier não precisava de lágrimas, compaixão ou fosse lá o que fosse que estava a ser-lhe oferecido. Não iria ter nada daquilo. Pelo menos, na Fortaleza.

Contudo, iria receber o afeto de amigos que gostavam dele. Além disso, não passaria o Winsol sozinho.

NOVE

— Tens a certeza de que estás em casa? — perguntou Lucivar quando Daemon abriu a porta da casa de campo. — Não vejo luzes na sala de estar.

— Não quer dizer nada — respondeu Daemon, tocando no candeeiro da entrada para que pudessem ver enquanto se dirigiam à cozinha. — A Allista foi-se embora hoje de manhã para passar uns dias com a família e a Manny vai celebrar com amigos na aldeia. A Tersa disse às duas que ia ficar em casa esta noite.

Ao entrarem na cozinha, viram a silhueta dela na porta aberta das tra-seiras, ignorando o ar frio que entrava em casa.

— Tersa — chamou Daemon numa voz suave.

— É o menino — disse ela, parecendo intrigada ao olhar para ele e depois para Lucivar. — Os meus dois meninos.

— Sim — respondeu Daemon.

— O que estão aqui a fazer?

Lucivar empurrou-a com delicadeza para dentro da cozinha e fechou a porta.

— Decidimos criar algumas tradições de família. A Véspera do Winsol vai passar a ser uma altura para que os pais e as filhas a passem juntos.

— E as mães e os filhos.

— Por isso, aqui estamos para passar a noite com a nossa mãe — afirmou Lucivar.

— Mas... — Olhou em volta, como se acabasse de se aperceber onde estava. — Não há comida. Devia fazer comida?

— Nós já tratámos disso — disse Daemon, invocando vários pratos e pousando-os com cuidado na mesa da cozinha. — Alguns pratos precisam de ser aquecidos e outros precisam de uns últimos toques. — Tirou o sobretudo e agasalhou-a com ele, acrescentando um feitiço de aquecimento.

Ter-se-ia sequer apercebido de que tiritava de frio?

Lucivar puxou uma cadeira.

— Senta-te aqui e nós tratamos de tudo.

— Não me parece justo — disse Tersa. — Serem vocês a fazer tudo.

— Tudo bem — cedeu Lucivar. — Depois podes lavar a louça.

— *Isso é que não é justo!*

Lucivar sorriu para ela e piscou o olho a Daemon.

Conversaram, riram e comeram. Enquanto a mente de Tersa viajava entre o passado e presente, os dois iam aprendendo mais sobre quem tinham sido quando eram os seus meninos.

— Queríamos pedir-te um favor — disse Daemon quando serviram o prato de guloseimas que tinham convencido a D. Beale a oferecer-lhes.

— Uma prenda especial que gostaríamos que nos desses, se puderes.

Olhou para os dois — não com a lucidez da loucura mas com olhos perspicazes.

— Peçam.

Por isso, pediram. Depois de ponderar no pedido por um minuto, ela aceitou.

DEZ

Saetan caminhava num dos jardins fechados da Fortaleza. Ainda que pobre naquela altura do ano, não estava completamente estéril. A vida repousava sob a neve, sob a terra, aguardando a chegada da luz.

Os Sangue advinham das Trevas do abismo — um poder herdado de outra raça cujo período de guardiães dos Reinos tinham cessado. Por conseguinte, honravam as Trevas que os separavam dos plebeus, que moldavam as suas preferências e carência e anseios.

Especialmente os anseios.

— Agora compreendo.

A voz de Jaenelle surgiu da escuridão em redor dele.

Não, não era a voz de Jaenelle, pensou ao virar-se. Demasiada meia-noite naquela voz, demasiado abismo.

Por um instante, quando deu o primeiro passo para ele, Saetan viu o Eu que vivia sob a pele dela. Viu o mito vivo, os sonhos tornados realidade.

Nem todos os sonhadores eram humanos — tal como a Feiticeira.

De repente, o momento passou e Jaenelle, adorável e humana, continuou a avançar.

— Devias estar em casa com o teu marido — disse Saetan.

— Não, não devia. Esta noite não devia — respondeu Jaenelle. — Agora compreendo.

— Compreendes o quê, criança-feiticeira?

— A dança privada na Véspera do Winsol.

Pegou-lhe em ambas as mãos. As dela estavam frias, por isso colocou um feitiço de aquecimento nas suas para que as dela ficassem mais confortáveis.

— Não dançámos nestes últimos dois anos. Mas tu dançaste. Sozinho. Tal como aconteceu ao longo de grande parte dos teus cinquenta mil anos. Dançavas para um sonho, para uma promessa. Todos os anos quando executavas os passos dessa dança, renovavas a tua própria promessa a esse sonho.

Fechou os olhos, relutante em olhar para ela porquanto veria a verdade das suas palavras. Ela era a dança mais encantadora e mais dolorosa da sua vida. Ela era a razão para aquela longevidade incomum.

— Todos os anos, quando dançávamos, renovavas essa promessa. Porém, já não era dirigida a um sonho. Era dirigida a carne e osso, a uma Rainha genuína.

Não conseguia exprimir o que sentia, por isso fez algo que fizera somente meia dúzia de vezes ao longo de toda a sua vida: abriu todas as barreiras interiores, revelando-lhe o coração, a mente, o seu Eu sem quaisquer defesas ou escudos. Ao abrir os olhos e contemplar aqueles olhos azul-safira, percebeu que não lhe estava a revelar nada que ela não soubesse acerca dele.

— É quase meia-noite — disse Jaenelle. — Dança comigo, Saetan. Esta noite. Vamos ambos confirmar uma promessa que foi feita e mantida.

Seguiu-a para uma das salas de estar. Na mesa estava uma pequena taça de rum aquecido e misturado com sangue, bem como dois copos e uma esfera de música de cristal num suporte em bronze.

Ajudou-a a despir o casaco, despiu a capa e fez ambos desaparecer.

Ela usava um vestido negro feito com camadas de seda de aranha. Luto de Viúva. Um vestido confeccionado para uma Rainha Viúva Negra — em especial uma que outrora usara Joias Negras.

Jaenelle ergueu a mão. A música destinada à dança tradicional de Winsol invadiu a sala.

Ele levantou a mão e deu o primeiro passo da dança. As pontas dos dedos tocaram nas pontas dos dedos. As mãos tocaram nas mãos.

Já não era uma menina a tentar agradar ao seu pai adotivo. Já não era uma Rainha a aceitar o pedido do seu Administrador para que dançasse com ele uma dança tradicional. A mulher que ali estava com ele naquela noite compreendia o peso das suas escolhas — e a importância daquela noite que marcava cada ano.

Por isso, dançaram em honra de um sonho — enquanto renovavam uma promessa.

ONZE

Uma mão quente nas costas desnudadas incitaram Saetan a acordar de um sono profundo. Um toque terno, embora não fosse o toque de uma amante. Sensual sem ser sexual. Quem...?

De repente, percebeu. Só havia uma pessoa cujo odor psíquico era tão similar ao seu que demorava algum tempo para distinguir os dois.

— Príncipe — disse ele. Foi o melhor que conseguiu. A forma como Daemon lhe estava a massajar as costas dava-lhe a sensação de não ter ossos — nem cérebro. Algo estranho para um filho fazer.

Aquele pensamento sobressaltou as desconfianças paternas o que lhe despertou o cérebro.

— Boa-noite — disse Daemon. — Dormiste bem?

Fogo do Inferno. Sempre que um filho lhe fazia aquela pergunta estava prestes a deitar-lhe um cesto de sarilhos no colo.

— É Winsol — disse Saetan, virando-se de lado e apoiando-se num cotovelo. — Porque não estás em casa com a tua esposa?

— Porque a minha esposa ainda está aqui — retorquiu Daemon, pousando a mão na anca do pai.

Uma voz maliciosa. Quase um gemido sexual. Daemon era notável a usar a sensualidade como intimidação e naquele momento estava a fazer um excelente trabalho.

Porém, não estava certo de que a intimidação fosse a reação que Daemon pretendia invocar.

— Gostaste da tua prenda? — perguntou Daemon.

— Da minha prenda?

— Pediste solidão. Afastámo-nos para poderes celebrar a Véspera do Winsol à tua maneira.

Com Jaenelle. Com a Feiticeira.

— Eu e o Lucivar conversámos bastante sobre o assunto e decidimos

que tinhas uma certa razão — e que era uma lição que queríamos aproveitar agora e não mais tarde.

— Ainda bem. — Talvez. E talvez soasse mais entusiasmado se estivesse mais desperto — e se a mão de Daemon pousada na sua anca não lhe parecesse cada vez mais a pata de um gato a prender a cauda de um rato.

— Decidimos dedicar os primeiros seis dias de Winsol às nossas obrigações públicas como regentes de Dhemlan e Ebon Rih. O Dia de Winsol fica reservado à família. Os últimos seis dias serão pessoais. Calmos. Eu e a Jaenelle vamos para Scelt por uns dias e depois recolhemo-nos ao Paço.

— Fazem bem — disse Saetan. E faziam.

— O dia de hoje, como é Winsol, é dedicado à família — disse Daemon.
— Todos nós, juntos. Aqui na Fortaleza.

— Todos...?

Ruídos à porta do quarto. Depois, Daemonar gritou:

— Acorda, Avô! Acorda!

Ouviu Lucivar ribombar, seguido por risotas e guinchos que se afastaram da porta.

— Todos nós — repetiu Daemon. — Até a Tersa.

Honrar o dia com os seus filhos sem a intromissão do mundo e das suas exigências. Sentiu-se tolamente sentimental — e muito feliz.

— Só a família — afirmou, com a voz rouca enquanto recordava os membros da família que já não estavam junto dele.

— E o Rainier. Parece que ia passar esta noite sozinho, por isso a Surreal declarou-o primo honorário em prol da ocasião.

Demasiados sentimentos, demasiadas sensações. Mas não era só ele. A sensualidade era um jogo, mas ter a família assim reunida significava bastante também para Daemon.

Calculando que ambos precisavam de um momento para se afastarem dos sentimentos profundos, disse:

— Conseguiram chegar a esta hora do dia sem abrir nenhuma prenda?

— Se tinham conseguido tal proeza com um miúdo da idade de Daemonar entre eles, tinham, de facto, tomates de aço e não cediam a nervosismos.

Daemon contraiu os ombros.

— Deixámo-lo abrir as dele e cada adulto abriu somente uma que lhe era destinada.

Saetan observou o filho — a pele corada, a forma repentina como evitava olhá-lo nos olhos.

— Pois bem. Quanto tempo demorou Daemonar a tirar o bicharoco da caixa?

A expressão de Daemon revelou que ficara completamente desorientado. Até que resmoneou:

— Conseguimos encontrá-lo antes da Marian.

Estava a imaginar Lucivar e Daemon à procura por todo o lado em busca do escaravelho explosivo antes que Marian — ou Surreal — desse com ele. Como estava certo de que nenhum deles iria encontrar nada de engraçado naquela pequena aventura — pelo menos por mais uma ou duas décadas — iria esperar até se encontrar em segurança no duche para então se rir deles.

— Ao que parece, o Daemonar gosta da sua prenda. Então e tu? — Virou-se para ajeitar as almofadas. — Como estavas tão ansioso por abri-la há alguns dias, suponho que tenhas aberto a minha prenda.

Não obtendo resposta, parou de ajeitar as almofadas e olhou para a expressão trombuda de Daemon.

— Não gostaste da tua prenda?

— Não sei — resmungou Daemon. — Não consegui desfazer a tranca de Arte que colocaste naquela maldita caixa.

Saetan pestanejou. Usara aquela mesma tranca nas prendas dos filhos quando eram pequenos. Daemon costumava levar menos do que cinco minutos para a desfazer.

As prendas de Winsol não se encontravam somente nas caixas. Constituíam os momentos e as memórias estimadas pelo coração. Como esta.

Tentou engolir as cócegas que sentia na garganta. Vendo a expressão no rosto de Daemon, esforçou-se ao máximo.

Até que desistiu, deixou-se cair nas almofadas — e desatou às gargalhadas.



CAMBIANTES DE HONRA

Esta história decorre antes dos acontecimentos de Aliança das Trevas

UM

O Príncipe Falonar estava no exterior da sua casa alcantilada, abrindo e fechando nervosamente as asas escuras e membranosas enquanto mantinha o olhar fixo na aldeia de Riada lá em baixo. Poucos minutos depois da sua chegada, sentira o poder das Joias Cinzentas a percorrer a aldeia e a subir as montanhas à laia de desafio — ou de advertência.

Surreal SaDiablo regressara a Ebon Rih.

Quando regressara a Kaeleer havia dois anos, cometera dois erros. O primeiro fora concordar servir Lucivar Yaslana, a quem desprezava desde que se tinham conhecido ainda rapazes em treino no mesmo campo de caça. Julgou-se capaz de aguentar receber ordens de Lucivar durante cinco anos em troca da autorização para viver em Ebon Rih e de ficar numa posição capaz de chamar a atenção da Rainha de Ebon Askavi. Sentira-se confiante de que ela haveria de perceber o valor de ter um verdadeiro Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra pertencente à aristocracia como membro do seu Primeiro Círculo e chamá-lo ao seu serviço. Servir na mesma corte do que Yaslana tê-lo-ia deixado com os nervos à flor da pele, mas aceitaria tratar Lucivar como seu semelhante — pelo menos até conseguir persuadir a Rainha a encontrar outra forma de Lucivar a servir que mantivesse o homem afastado de Askavi, deixando os eyrienos viverem descansados, sem o constrangimento constante de reconhecer um bastardo mestiço. Não importava se o pai haylliano de Yaslana o reconheceria como filho, Lucivar seria sempre bastardo sem qualquer posição na sociedade eyriena. Além disso, *nada* iria alterar o facto de que Lucivar era mestiço, e ser mestiço era, de muitas formas, ainda pior do que ser bastardo.

Desesperado por encontrar uma posição em Kaeleer, evitando desta forma ser enviado de volta a Terreille, Falonar assinara o contrato de serviço de

cinco anos, contando não estar sempre sob o controlo de Lucivar. Contudo, na primavera que se seguira, a Feiticeira libertara o seu poder de modo a purgar os Reinos da mácula de Dorothea e Hekatah SaDiablo, ficando tão debilitada pela repercussão do seu próprio poder que deixara de estar apta a reger Ebon Askavi. Tal acontecimento deixou Falonar com a escolha de se curvar perante a vontade de Lucivar durante a duração do contrato ou ser enviado de volta a Terreille, onde não existia qualquer futuro.

O segundo erro fora responder ao interesse inicial que Surreal demonstrara por ele — e ao seu interesse por ela — e fazer sexo com ela. Oh, ela era formidável na cama — forte e experiente e muito entendida no que dizia respeito ao corpo de um homem, facultando uma feroz libertação. Valia todos os marcos de ouro que cobrava como prostituta em Terreille e ele tivera-a de livre vontade. Também se revelara uma companheira astuta e interessante fora da cama — quando não tentava adquirir competências que deviam ser exclusivas aos guerreiros.

No entanto, o sexo não fora tão livre quanto julgara. Pelo menos, tal não acontecera depois de se instalar em Ebon Rih e de a convidar para ficar com ele na sua casa alcantilada. Pensara no alívio de ter todo o sexo que desejasse com uma mulher forte a ponto de conseguir lidar com um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Azul-Safira. Contudo, não contara com o facto de a família SaDiablo, lá por ter permitido que Surreal usasse o nome da família, a considerasse verdadeiramente como membro da família deles. Em Terreille, tal atitude era impensável no seio de uma *verdadeira* família aristocrata, pois por mais talentosa que fosse e por mais exclusivas que fossem as casas da Lua Vermelha, locais onde exercera as suas competências, a verdade é que Surreal não deixava de ser uma prostituta mestiça que começara a sua carreira em becos escuros e quartos imundos.

Infelizmente, dera-se conta, demasiado tarde, de que até as prostitutas podiam ter noções românticas completamente irrealistas. Quando chegou a altura em que quis que Surreal encontrasse outro local para viver, deixando-o livre para expressar o seu interesse em Nurian, a Curandeira eyriena, descobriu que Surreal os julgava a um passo de um compromisso — e que *Lucivar* julgava o mesmo. Por mais que apreciasse a companhia dela, não ia comprometer-se com uma mulher que não era eyriena, quanto mais com uma mulher que vira tantos tomates que agora se esforçava por ganhar uns.

Por fim, Surreal fizera a mala e partira e a civilidade de Lucivar para com Falonar ganhara uma intensidade feroz devido aos sentimentos magoados da mulher. Sem dúvida que aquela intensidade iria reforçar-se agora que ia estar novamente defronte de ambos.

E aquele outro Príncipe dos Senhores da Guerra. O aleijado. Fogo do

Inferno. De que valia trazer *aquela* para Ebon Rih com o intuito de treinar ao lado de guerreiros eyrienos?

O que só vinha confirmar aquilo de que sempre desconfiara: Lucivar Yaslana podia ter aspeto de eyrieno e possuía, indubitavelmente, as aptidões de um guerreiro eyrieno quando entrava no campo de batalha, mas no fundo, não era eyrieno. Enquanto Lucivar controlasse Ebon Rih, os eyrienos que ali estavam a tentar construir uma vida e manter todo o legado e cultura iriam sofrer.

Infelizmente, por agora, Falonar nada podia fazer exceto ocultar como estava a sufocar com aquela verdade amarga.

Surreal entrou no quarto que iria ser o seu lar nas próximas semanas e olhou em redor. A mobília era básica mas estava em boas condições e brilhava devido a uma limpeza recente. Tudo tinha um ar um pouco rústico, o que se adequava ao resto da Taberna. Não serviria a um idiota da aristocracia convencido de que os seus peidos não cheiravam mal, mas *ela* não via razão para se queixar.

— Não somos de grandes luxos — disse Merry ficando à entrada do quarto. — Eu sei que chamamos a isto taberna e estalagem, mas na verdade é uma taberna com uns quantos quartos que convertemos por termos espaço. Há duas hospedarias muito agradáveis em Riada e mais umas estalagens mais finas do lado aristocrata da aldeia.

Surreal observou a outra mulher com atenção, tomando nota dos nervos. Conhecera por alto Merry e Briggs aquando da sua anterior estadia em Ebon Rih, mas não conhecera os proprietários da Taberna por estar a viver com Falonar. Merry e Briggs e o estabelecimento deles, eram demasiado comuns para um homem como Falonar, especialmente por julgar que a posição de segundo comandante de Lucivar era razão para agir de modo ainda mais aristocrata do que os aristocratas de Riada.

Como Merry também não a conhecia a não ser de passagem, porque estaria a mulher tão nervosa? Quiçá a rihlander tivesse ouvido acerca das antigas profissões de Surreal e não quisesse alugar um quarto a uma prostituta — ou a uma assassina? Se fosse esse o caso, queria saber antes de tirar tudo dos baús.

— Tendes algum problema por eu aqui ficar hospedada? — perguntou Surreal.

— Oh, não — respondeu Merry de imediato —, só queria que soubésseis que existem outras opções. — Hesitou, nitidamente sem saber se deveria acrescentar algo mais. Depois, suspirou. — Atentai. O Lucivar é bom homem e eu o Briggs temos a sorte de lhe chamar nosso amigo. No entanto,

tem vezes que consegue ser muito persistente. O Lucivar gosta da Taberna, mas sabemos que não se adequa ao gosto de toda a gente e eu não creio que ele tenha ponderado que talvez preferísseis algo mais luxuoso.

Aquilo vinha confirmar que Merry conhecia mais do que superficialmente o homem que era o segundo macho mais poderoso no Reino de Kaeleer. Apesar de descender da família mais aristocrata do Reino, nada havia de aristocrático nos gostos ou preferência de Lucivar.

Contudo, era verdade que Lucivar *conseguia* ser bastante persistente acerca de muitos tópicos, o que lhe incitava alguma desconfiança quanto à verdadeira razão para ter escolhido aquele alojamento.

— O Lucivar vem aqui com frequência? — perguntou Surreal.

— Quando está em casa, vem cá todos os dias — respondeu Merry. — Por vezes, passa para beber uma chávena de café assim que abrimos. Noutros dias passa para comer uma malga de sopa ou de estufado. Bebe um copo de cerveja enquanto fala com os homens e espera que eu lhe embale uma empada de carne ou outra coisa qualquer que ele queira levar para jantar. Mas isso nem sempre acontece.

— *Ãh-ãh. — Fogo do Inferno. Conheces o homem mas ainda não entendes-te como funciona a mente de um Príncipe dos Senhores da Guerra, pois não, docinho?*

A Taberna funcionava como ponto de encontro onde as pessoas tomavam uma bebida ou comiam uma refeição e o negócio corria bem. Merry, de cabelo e olhos pretos, tinha uma cara bonita e um corpo cheio de curvas jeitosas que certamente despertariam muito interesse por parte dos homens. A sua Joia Olho-de-Tigre, sendo uma Joia mais clara, poderia diminuir o interesse de machos mais fortes — ou intensificar o interesse de um predador que preferisse fêmeas sem capacidade de defesa. Briggs era um Senhor da Guerra de Joia Azul-Celeste. Como não fora treinado para combater, talvez o poder não fosse suficiente para proteger a sua esposa e o meio de subsistência de ambos.

A menos que, como era óbvio, esse Senhor da Guerra de Joia Azul-Celeste fosse discretamente apoiado por um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava Joias Ébano-Acinzentadas e que tinha um temperamento cruel e violento e séculos de treino como guerreiro.

Havia predadores e Predadores — e mesmo fazendo parte dos Predadores, Lucivar Yaslana fazia as suas próprias leis.

Surreal voltou a olhar para o quarto, ponderando nas possibilidades que tinham motivado Lucivar a escolher aquele lugar como a casa longe de casa de Surreal. Até que afastou aqueles pensamentos antes que Merry ficasse demasiado ansiosa por ela estar ali — ou começasse a pensar no motivo *pelo qual* estava ali.

Abriu uma porta e deu com a casa de banho. Semicerrou os olhos verde-dourados ao atentar na segunda porta da casa de banho.

— Vou partilhar?

— Com o Príncipe dos Senhores da Guerra que também vem para o treino — respondeu Merry.

Anuiu.

— O Rainier. É meu amigo, mesmo que faça chichi por um tubo. Bem, posso tentar viver com esta partilha de casa de banho com ele. — Sorriu com malícia para Merry. — Se eu tiver motivos para me queixar da sua pontaria, ele que tente sequer viver.

Merry pestanejou, começou a dizer qualquer coisa mas mudou de ideias — umas quantas vezes. Por fim, falou:

— Posso providenciar o almoço e o jantar, mas não abrimos cedo, por isso habitualmente não preparo o pequeno-almoço.

— Não faz mal — disse Surreal. — Contam connosco na casa alcantilada para o pequeno-almoço.

— Oh.

Tanta compaixão numa singela palavra. Contudo, foi o humor misturado com a compaixão que chamou a atenção de Surreal.

— Já conhecestes o filho do Lucivar — disse Surreal.

— Sim, conheci.

Surreal observou enquanto Merry pesava e media lealdades e obrigações.

— Há uma cafetaria a dois quarteirões daqui — disse Merry. — E uma padaria. Os dois estabelecimentos converteram a loja que os separava fazendo daí uma sala de refeições de que ambos usufruem. Aí não ireis ter um pequeno-almoço completo — só café e pão e bolos — mas é um local tranquilo. Ou então, podereis aqui aquecer a sopa ou o guisado que sobrar da noite anterior.

Vais abdicar do teu pequeno-almoço?, perguntou-se Surreal. — Obrigada, mas contam connosco na casa alcantilada do Lucivar amanhã de manhã mas depois disso, eu, pelo menos, vou tirar partido da cafetaria e da padaria grande parte das vezes.

— Sendo assim — disse Merry —, vou deixar-vos arrumar as vossas coisas.

— Só mais uma coisa — disse Surreal antes que Merry tivesse a oportunidade de se escapulir. Porque era evidente que era o que a outra mulher tinha em mente — safar-se antes que aquele último detalhe fosse mencionado.

— Como quereis que pague a comida e alojamento? Ao dia ou à semana?

— Não é necessário — disse Merry, com os olhos aparentemente maiores e mais escuros num rosto a empalidecer.

— É, pois — contrapôs Surreal de forma educada.

— Não, não é.

— Maldito seja, eu *disse-lhe* que ia pagar a minha estadia. Por isso é a mim que ireis entregar a conta.

— Não. Ah-ah. Se quiserdes discutir o assunto com o Príncipe Yaslana, fazei favor. No entanto, foi *bastante* claro quanto ao que pretendia de *mim*.

Claro que fora. O sacana. Além de que era muito interessante perceber onde ficava a linha entre Lucivar, o amigo, e o Príncipe Yaslana, regente de Ebon Rih.

— Tudo bem — resmungou Surreal. — Eu trato dele à minha maneira.

Merry emitiu um som que bem podia ser um guincho e logo de seguida Surreal ouviu a mulher a descer as escadas.

— Não sejas cabra — rallhou consigo própria. — Sabes bem como é tentar lidar com os machos da tua família. Usas a Cinzenta e eles passam-te por cima. Não se pode esperar que a Olho-de-Tigre enfrente alguém como Lucivar.

Não havia outro remédio. Daemon haveria de lhe dizer para não se armar em idiota sobre quem pagava o quê, uma vez que a família SaDiablo como um todo constituía não só a família mais poderosa de Kaeleer como era também a mais abastada. Lucivar não iria ficar com dificuldades por lhe pagar a estadia, mas não era isso que estava em causa. Se fosse ela a pagar também não iria ser um rombo nas suas finanças.

Por outro lado, sempre que aceitara um trabalho como assassina, o cliente por vezes pagava-lhe também as despesas, para além dos honorários que cobrava.

O que a levava de volta à questão de perceber o verdadeiro motivo de ficar alojada na Taberna.

Chegando-se perto da janela, afastou a cortina fina e olhou para a montanha a que Lucivar chamava o seu lar, atirando um pensamento num fio psíquico Cinzento.

Yaslana.

Já vais começar com lamúrias?

Parecia estar a achar graça. Parecia esta à espera que ela o contactasse.

Maldito. A sua mulher, Marian, devia estar perdidamente apaixonada por ele ou então devia ter mais paciência do que era natural.

Temos de falar disse Surreal. *Em privado. Se comesças com desculpas, dou-te um pontapé com tanta força que vais acabar com os tomates entre as orelhas.*

Se trouxeres uma besta a este encontro, levas tanto que até vais perder os sentidos.

Ela sorriu. Não conseguia evitar. Da última vez que quisera discutir um assunto com Lucivar ameaçara disparar contra ele de modo a garantir que lhe daria toda a atenção.

Tudo bem. Nada de bestas — a menos que tenha de ir à tua procura.
Ele riu-se. Tinham ficado quites naquele pequeno desafio por isso também ela estava bastante agradada.

Esta noite disse ele. *Assim que o monstrinho adormecer. Conheces a casa de Doun onde a minha mãe vivia?*

Eu dou com ela.

Encontramo-nos lá.

Tens a certeza de que te queres encontrar lá comigo? Ao que parecia, Lucivar queria encontrar-se sem atrair grandes atenções. Não conseguia pensar noutra razão para ter escolhido aquele local.

Desfez as malas e explorou o quarto. A pequena secretária estava fornecida com papel, bem como canetas, lacre e dois selos decorativos para os hóspedes que não possuíssem selo de família. A parte de baixo da mesinha de cabeceira tinha uma pilha de livros — sobretudo compilações de histórias, mas também tinha alguns romances da Batedora e do Sombra da Senhora Fiona, incluindo o mais recente, que ainda não lera.

Não havia livro nenhum de Jarvis Jenkell, o escritor que tentara matá-la e ao Rainier. Teria sido por Merry não gostar das suas obras ou teria a mulher retirado o que quer que pudesse recordar aos seus hóspedes aquele esforço dilacerante pela sobrevivência.

Qualquer recordação que não estivesse alojada na carne, pensou Surreal ao sentir a respiração áspera. Teria de ter bastante cuidado durante o resto do inverno, mas os pulmões haveriam de sarar por completo. A perna de Rainier, por outro lado, jamais voltaria a ser a mesma.

Abriu a porta da casa de banho, tencionando reclamar para si metade das prateleiras e espaço de arrumação, e ouviu movimento no quarto ao lado. Bateu levemente à porta.

— Está aberta — disse ele.

Abriu a porta e encostou-se à soleira para observar o Príncipe dos Senhores da Guerra que era um dos poucos homens que considerava como amigo.

Quando tinham regressado a Amdarh depois de passarem o Winsol na Fortaleza com o resto da família SaDiablo, recolhera-se durante a última metade das férias, justificando que precisava de tempo para se preparar para esta pequena “aventura” em Ebon Rih. Não o desafiara pois também ela tinha os seus preparativos a tratar para aquela estadia.

Olhando para ele, arrependeu-se dessa decisão.

Perdera peso naqueles dias. Os Sangue consumiam a comida muito mais depressa do que os plebeus e quanto mais escura fosse a Joia que uma pessoa usasse, mais comida requeria para evitar que o corpo se debilitasse. Era evidente que Rainier não andava a comer o suficiente para sustentar o que fora outrora uma esplêndida constituição física. O seu rosto parecia

mais esguio e duro, aqueles sonhadores olhos verdes estavam encobertos por mais do que um tipo de dor e o cabelo castanho que se apresentava habitualmente desgrenhado com estilo parecia agora desalinado.

A perna de Rainier jamais voltaria a ser a mesma, por mais hábil que fosse a Curandeira — e ele não estava a ajudar. O que ninguém conseguia entender era o que o *motivava* a evitar com tanta determinação que a perna sarasse tanto quanto possível.

— Queres ajuda a desfazer as malas? — perguntou Surreal.

— Ainda consigo tomar conta de mim próprio — retrucou ao agarrar em várias camisas cuidadosamente dobradas, conseguindo amarrotá-las todas.

— Não disse o contrário, docinho.

Sabia que ele entendera a advertência na palavra “docinho”, pois olhou-a demoradamente.

Já viste o Falonar?

Estava presente, prestes a ser proferido, um murro deliberadamente doloroso no coração. Mas não disse. Surreal percebeu a decisão nos olhos dele de não lhe dar aquele soco emocional.

— Já acabaste de arrumar as tuas coisas? — perguntou-lhe.

— A maior parte. Ia agora reclamar a minha parte de espaço na casa de banho quando te ouvi aqui de um lado para o outro.

Ele resfolegou.

— Será que sobra *espaço* para as minhas coisas?

— Como diria a nossa amiga Karla, beijinho, beijinho.

Ele riu-se e estendeu-lhe as camisas.

— Está bem. Põe as roupas onde aches que seja lógico para que eu as encontre. Estou a referir-me a lógica masculina, não aquilo que passa por lógica feminina.

— Ora, ora. Parece que hoje estamos um nadinha irritados.

Coxeou até ao canto do quarto que tinha uma cadeira estofada e um descanso de pés, bem como um candeeiro de leitura e uma mesinha de apoio. Sentando-se na cadeira e esticando as pernas, suspirou penosamente.

— Será que o Lucivar não pensou nas escadas quando escolheu este sítio ou o facto de os quartos se situarem no primeiro andar foi uma das razões para essa escolha?

— Não sei se houve sequer alguma ponderação — disse ela devagar enquanto guardava a roupa de Rainier nas gavetas e no armário. Antes de decidir o que lhe iria contar — sobretudo porque não havia nada evidente que *pudesse* contar-lhe — ouviram bater à porta.

— É a Jaenelle — disse Rainier antes de Surreal ter oportunidade de enviar uma gavinha psíquica para descobrir quem estava no corredor.

— Como sabes? — perguntou ao dirigir-se à porta.

— O seu odor psíquico sempre foi incomparável. Está um pouco diferente agora que usa a Aurora do Crepúsculo, mas não há que enganar.

O que só comprovava que uma Rainha era sempre Rainha, governasse ou não oficialmente. A menos que houvesse algum motivo para prestar atenção, os odores psíquicos eram ignorados da mesma forma que os odores físicos. Contudo, um macho que servia numa corte haveria sempre de saber quando a sua Rainha estava por perto.

— Será que o facto de continuarem todos assim tão perspicazes é uma característica para a qual não querem chamar a atenção? — perguntou Surreal ao abrir a porta.

— Chamar a atenção para quê? — perguntou Jaenelle ao entrar.

— Um homem pouco perspicaz não é grande coisa a namoriscar — disse Rainier. Os seus olhos verdes cintilavam advertindo para que esquecesse o assunto.

— Se é esse o caso, és muito perspicaz, Príncipe — disse Jaenelle. — Não, fica — acrescentou quando ele começou a fazer menção de se levantar. — Posso ver a perna onde estás sentado. Surreal, queres sentar-te na cama ou regressar ao teu quarto para teres mais privacidade?

— Isso depende do que formos fazer — respondeu Surreal cautelosamente.

— Estou aqui para avaliar o vosso estado de saúde e relatá-lo ao Príncipe de Ebon Rih, bem como os meus requisitos quanto ao que pode e não pode incluir nos vossos treinos.

— Canso-me com facilidade e ainda oiço os pulmões roufenhos se me esforçar demasiado, especialmente ao ar livre — disse Surreal. — Além disso, ainda me sinto debilitada, por isso não vou conseguir realizar muito do treino que Lucivar tem em mente.

Jaenelle aguardou um segundo e depois olhou para Rainier.

— Não é oiço protestos nem resmunguices da parte do Príncipe dos Senhores da Guerra, o que significa que estava a par destas limitações — mas a tua Curandeira não estava.

Rainier crispou-se e Surreal olhou para ele.

Desculpa. Não sabia que ainda não tinhas falado com ela.

Pois.

Surreal olhou para os olhos azul-safira de Jaenelle, avaliou a intensidade da fúria ali presente e sentou-se submissamente na cama de Rainier.

Jaenelle pousou as mãos no peito de Surreal, com os dedos bem abertos. Desse toque, fluiu calor. Surreal sentiu-o na pele, depois nos músculos. Uma sensação lenta, relaxante, agradável — e enquanto se deixava levar por essa sensação, o seu corpo contou a Jaenelle todos os seus segredos.

Com que então disse Jaenelle através de um fio psíquico feminino*,

estás só a tentar evitar uma parte do treino ou tens alguma razão para exagerar a gravidade dos danos que sofreste naquela casa arrepiante e transmitires informações erradas ao Rainier?*

A sensação gelada que passou por aquele fio psíquico surpreendeu-a. Não esperara que Jaenelle ficasse tão irritada quanto ao que era, afinal, um estratagema para passar o menos tempo possível com os eyrienos além daquele que fosse absolutamente necessário. Depois, apercebeu-se de que não tivera em conta que Jaenelle não era somente Curandeira e não era somente da sua família. Era também uma Rainha que nunca hesitara na defesa de um membro da sua corte — e fosse lá para quem viesse a trabalhar ou servir no futuro, Rainier haveria sempre de lhe pertencer. Mentir-lhe não era comportamento aceitável.

Eu disse a verdade ao Rainier explicou Surreal. *O que não queria era que toda a gente ficasse a saber.*

O ar gelado dissipou-se e foi substituído por um humor acutilante.

Não queres que o Lucivar saiba que ainda não recuperaste por completo porque assim vai andar de roda de ti, mas ainda assim queres que ele te dispense de grande parte do treino?

Colocado dessa forma, a lógica parecia mais do que um pouco imprecisa.

Estava com esperanças de que tu, como Curandeira, pudesses... Fogo do Inferno, odeio sentir-me fraca.

Mais uma razão para fazeres tudo aquilo que te irá devolver a força.

Surreal suspirou. Como poderia ela discutir com uma mulher que, só pelo facto de estar ali, era prova de que o esforço podia contribuir para que o corpo sarasse?

Atentou no rosto de Jaenelle, olhou nos olhos que viam demasiado. Não fora só o corpo que ficara danificado e que estava fraco. Também o coração não sarara desde que saíra da casa alcantilada de Falonar e deixara Ebon Rih. Fora quase há um ano. Não era já tempo suficiente para esquecer algo que outras mulheres conseguiam abandonar em poucas semanas?

— Dá-me meia hora para trabalhar na perna do Rainier e para rever alguns assuntos com o Lucivar — disse Jaenelle. — Depois, vamos as duas dar um passeio pela aldeia. Assim, conseguirei avaliar melhor a capacidade dos teus pulmões com este tempo e neste vale.

— O Lucivar está lá em baixo neste momento, à espera de um relatório? — Estaria o sacana ali sentado há poucos minutos quando o contactara?

— Claro que está — respondeu Jaenelle.

— Porra. — Não estava preparada para enfrentar Lucivar. Ainda não. Encontrá-lo nessa noite para discutir a Taberna era uma coisa; dar com um parente mandão que nada tinha a fazer a não ser mantê-la debaixo de olho era outra coisa muito diferente.

— Encontro-me contigo lá em baixo depois de conversares com o Lucivar.

— É um plano inteligente — disse Jaenelle. — Agora sai.

Ser mandada embora de forma amigável não deixava de ser o que era. Surreal entrou no seu quarto e olhou novamente em volta. Não havia lá relógio. Invocou uma ampulheta de uma hora que andava sempre com ela, virou-a e pousou-a na cómoda. Não faria mal ir ao encontro de Jaenelle com um atraso de poucos minutos. Adiantar-se alguns minutos e esbarrar com Lucivar. . .

Como forma de passar o tempo, pegou na pilha de livros e observou-os com mais atenção. Pôs alguns de lado, sem o mínimo interesse na sua leitura; colocou outros juntamente com os livros da Batedora e do Sombra para ler à noite. Talvez encontrasse uma história numa das antologias que pudesse partilhar com o resto da família num dos serões quando se reuniam para a noite da leitura.

Procurou uma história, leu alguns parágrafos, olhou de relance para a ampulheta para ver quanto tempo lhe restava antes de descer sem o perigo de encontrar Lucivar.

Ficou a cogitar em quando se teria tornado cobarde.

Rainier mancou pelo quarto, guardando o resto das suas coisas enquanto tentava ignorar a dor na perna — e a dor ainda mais profunda no coração.

Como Curandeira, Jaenelle não estava nada contente com ele. Como amiga, estava furiosa. Além disso, ele não queria sequer pensar na reação dela se ainda fosse formalmente a sua Rainha.

Não queria falar do assunto. Nem com Jaenelle, nem com Daemon Sadi e muito menos com Lucivar. Não queria compaixão. Tivera uma barrigada de compaixão quando fora a Dharo visitar a família. Pior do que a compaixão era a esperança tácita que vira em demasiados olhares de que uma perna aleijada viesse, de certa forma, atenuar a natureza de um Príncipe dos Senhores da Guerra de modo a não se sentirem tão desconfortáveis na sua presença. Agora, era menos. Agora, não tinha futuro. Um dançarino que não podia dançar? Iria depender da família e aceitar qualquer trabalho de compaixão que lhe encontrassem de modo a ajudá-lo a ir vivendo, uma vez que, como era óbvio, teria de regressar a Dharo e viver com um deles.

Não entendiam a profundidade daquela crueldade. Também o percebera ao falar com eles. Sem dúvida que o amavam, à sua maneira, mas tinham considerado o seu nascimento na casta de machos agressivos, violentos e dominantes como um enfraquecimento da linhagem ao invés de o tomarem como uma pujança acrescida. Não era como eles. Nunca fora

como eles. Nunca se integrara na família. Gostos diferentes, temperamentos diferentes — e uma diferença de casta que o tornara forasteiro mesmo ainda criança.

Não sabia o que fazer. Estava demasiado destroçado para voltar à vida que conhecia, mas não estava destroçado a ponto de a família se sentir segura na sua presença. Nunca fizera nada que os magoasse, mas mal conseguiam disfarçar o pesar por verem que o seu poder não ficara tão danificado quanto a perna.

Amava-os. Verdadeiramente.

E nunca mais os queria voltar a ver.

O que o deixava a pensar no que iria fazer um Príncipe dos Senhores da Guerra estropiado pelo resto da sua vida?

Ouviu bater com força na porta. Antes de conseguir responder, Lucivar entrou no quarto.

Como haveria de explicar a um guerreiro eyrieno como Lucivar o que a sua perna não conseguia fazer? Já vira Lucivar num campo de treinos e já o vira numa verdadeira luta. O Príncipe de Ebon Rih era outro tipo de dançarino e era brilhante num campo de combate.

Naquele momento, esse facto deixava-o extremamente assustado pois, ao longo das próximas semanas, Lucivar controlava a sua vida.

— Tens de compreender umas coisas acerca da tua estadia em Ebon Rih — disse Lucivar enquanto avançava para Rainier.

Rainier viu a boca de Lucivar começar a formar um sorriso indolente e arrogante. Não chegou a ver o punho que lhe acertou com tanta força que o golpe o atirou para cima da cama. Ali deitado, debatendo-se para conseguir respirar, Lucivar inclinou-se por cima dele e pressionou uma mão nas suas costelas que latejavam, prendendo-o à cama.

— Ouve bem, rapazolas, pois só vou dizê-lo uma vez — disse Lucivar. — Não sei o que se passa contigo e não me interessa. Daqui em diante, arranjas forma de descarregares sem magoar essa perna. Sei exatamente as condições em que te encontras neste momento. Sei exatamente o que precisas fazer para sarar e recuperar essa perna o melhor que for possível. É isso que vais fazer. No entanto, se precisas de ser um aleijado, podes ter a certeza de que posso ajudar-te a ser um aleijado. Desfaço-te a outra perna em tantos pedacinhos que nem a Jaenelle conseguirá dar-te mais do que a capacidade de andares por aí a coxear apoiado num par de bengalas e de passares grande parte da vida numa cadeira. Estás a perceber?

— Sim — disse Rainier, ofegante.

— Tens dúvidas de que farei o que disse?

— Não.

Lucivar afastou-se.

— Há lugares a curta distância da Taberna onde podes tomar o pequeno-almoço. Considera uma recompensa pelo esforço sincero no treino não seres obrigado a lidar com o monstinho logo de manhã. Se começares a desleixar-te...

O facto de Lucivar usar o pequeno-almoço com o seu filho como ameaça deixou Rainier curioso quanto ao que efetivamente se passava na casa de Yaslana pela manhã.

Pensando melhor, Lucivar não se dava ao trabalho de iludir ninguém, por isso a ameaça devia ser real.

— Vemo-nos amanhã no campo de treinos — disse Lucivar enquanto se dirigia à porta. — Não te atrases.

Uma raiva amarga invadiu Rainier.

— Sabes lá o que isto é.

Lucivar parou. Virou-se e olhou Rainier com uma expressão severa. Depois, foi-se embora.

Rainier esperou mais um minuto antes de se levantar a custo. Fogo do Inferno, estava dorido. Levantou a camisa e reuniu coragem antes de olhar para baixo.

Uma nódoa negra do tamanho de um punho estava já a escurecer ao longo das costelas, mas não tinha nada partido. Nada rachado, sequer, a acreditar na sua tímida sonda. Um golpe castigador, ainda que Lucivar devesse ter colocado algo para mitigar o golpe de modo a evitar partir-lhe os ossos.

Ainda assim, doía como o raio.

Rainier baixou a camisa e pôs-se em pé com cuidado para terminar de tirar tudo dos baús.

Mas se precisas de ser um aleijado, podes ter a certeza de que posso ajudar-te a ser um aleijado.

Lucivar Yaslana não iludia ninguém e raramente dava segundas oportunidades.

Como iria ele explicar a um homem tão ativo, tão físico que já não conseguia fazer certas coisas?

— Estou a ver se decido a força com que te vou dar um pontapé no rabo — disse Jaenelle de modo agradável enquanto passeava com Surreal pelas ruas de Riada.

Mãe Noite, estava *frio* no vale. Surreal sentiu o ardor nos pulmões e não conseguiu ocultar a pieira a cada fôlego. Começou a temer o tempo que tinha de passar mais acima nas montanhas, não só porque iria estar rodeada de eyrienos, mas por saber que iria ser duro para os seus pulmões.

— Não me incomoda muito quando estou dentro de casa — disse ela. A

menos que a lareira deitasse fumo. O que não era uma preocupação na casa da cidade da família. Helton tratava de tudo o que pudesse retardar a cura dela fosse de que forma fosse, quer se tratasse de uma lareira fumegante quer se tratasse de uma potencial corrente de ar.

— Ando a beber a infusão medicinal que preparaste para mim, três vezes ao dia. Ando a descansar. Mantenho o peito protegido e quente. Faço tudo o que me disseste para fazer para poder ficar boa. Achas que quero sentir-me assim o resto da vida?

— Acho que não, és inteligente para cuidares de ti própria, nem que seja para evitar que o Lucivar e o Daemon andem de roda de ti todos os dias e a pôr em causa tudo o que quiseres fazer.

— Podes ter a certeza.

Jaenelle sorriu.

— Por hoje, chega de ar fresco — e já tenho as informações necessárias acerca da tua condição física para exigir limites firmes ao Lucivar quanto ao que podes e não podes fazer durante este treino que vos vai impor.

— Graças às Trevas.

Rindo, Jaenelle ergueu a mão para chamar a atenção do cocheiro de uma caleche puxada por cavalos que descia a rua. O cocheiro fez um aceno com a cabeça e encostou junto delas. Um Senhor da Guerra desceu e sorriu ao ajudá-las a subir, perguntando-lhes o destino. Depois de transmitir a informação ao cocheiro, fechou a porta e recuou.

— Vai andar o resto do caminho para onde quer que estava a ir ou vai esperar por outra caleche, não é verdade? — perguntou Surreal.

— Vai — respondeu Jaenelle.

— Foi para meu proveito ou para teu?

— Para meu, creio. — Jaenelle suspirou. — Quando ainda estava a recuar, fizeste-me um favor — convenceste o Lucivar a parar de me apapariar e a ajudar-me a fortalecer. Vou retribuir o favor. Precisava de trabalhar; tu deves estar pronta para recuar, especialmente agora que ainda estamos no pico do inverno.

— E isso quer dizer?

— Vou sugerir sobretudo um tipo de instrução em privado em detrimento do treino público que poderia expor-te a um ambiente gelado.

O olhar nos olhos azul-safira de Jaenelle transmitiram-lhe que não estava a referir-se somente ao clima.

— Obrigada.

Jaenelle hesitou.

— O Lucivar está preocupado contigo. Tem cuidado com o seu coração, Surreal. Não és a única que pode magoar-se.

Anuiu e olhou pela janela da caleche.

...

Dando às asas em sentido contrário, Lucivar pousou na estrada junto a uma enorme casa de três andares nos arredores de Doun, a aldeia dos Sangue na extremidade meridional de Ebon Rih. Hesitou. De seguida, rogando pragas a si próprio por essa hesitação, passou o portão no muro baixo de pedra que separava os dois acres de terra cultivada das flores silvestres e relva presentemente enterradas em neve que lhe dava pelos joelhos. Não fora plantada nenhuma horta no verão passado. Marian desbastara o jardim de ervas aromáticas, os jardins de flores e o jardim de rochas, deixando que as plantas voltassem a ganhar semente. Recorrendo à parte laboral das dízimas que lhe eram devidas, conseguira que alguns residentes de Doun mantivessem os canteiros livres de ervas daninhas e a relva cortada. Algumas mulheres vinham duas vezes por mês para dar à casa uma limpeza superficial.

Quartos vazios, purificados de odores psíquicos e de memórias.

Fora a casa de Luthvian durante muitos anos, um lugar que Saetan mandara construir para ela como cortesia para com a mulher que lhe dera um filho. Viúva Negra e Curandeira, ganhava a vida a ensinar a Arte a raparigas de Doun, além de ser uma das Curandeiras da aldeia.

Nunca satisfeita, não apreciara a casa nem o homem que a construía para ela, nunca apreciara o filho que a teria amado caso ela mostrasse algum afeto por ele ao invés de o odiar por aquilo que lhe fora transmitido pela sua linhagem: as asas e a arrogância inerente a um macho eyrieno.

Morrera naquela casa, assassinada por Hekatah SaDiablo pouco antes de Jaenelle libertar todo o seu poder, purificando assim os Reinos dos Sangue conspurcados.

Um jovem Senhor da Guerra chamado Palanar também ali morrera às mãos de Hekatah. Fora à feira de serviços, juntamente com muitos outros eyrienos, na esperança de uma vida melhor. Mal saboreara esse futuro quando lhe foi roubado.

O único consolo fora que Hekatah e Dorothea SaDiablo tinham sido destruídas e já não podiam roubar o futuro a mais ninguém.

Lucivar libertou uma pequena coluna branca num suspiro.

A terra e a casa já não continham memórias dessas mortes ou da violência que se seguira, mas ele lembrava-se — e iria lembrar-se eternamente.

Não se deu ao trabalho de circundar a casa. Se havia algo a precisar de ser reparado, não conseguiria ver às escuras. Por isso, avançou pesadamente pela neve que lhe chegava aos joelhos até ao canto da propriedade onde um arvoredor sussurrava *floresta*. Pernadas escuras e desnudadas entrelaçavam-se no céu da noite até parecer que estavam estrelas presas aos ramos.

Era agora a sua casa, uma das propriedades que o pai atribuíra aos seus

cuidados depois de ter deixado os Reinos dos vivos e de se ter retirado para a Fortaleza. Podia vendê-la. Fogo do Inferno, podia pegar fogo àquela maldita coisa e ninguém iria pôr essa escolha em causa.

Talvez fosse por isso que podia ficar com ela.

Detetou a presença de Surreal no momento em que ela deu o primeiro passo naquela terra, mas decidiu não dar atenção até ela lhe transmitir que chegara.

— Tens alguma memória feliz ligada a este lugar? — A voz de Surreal surgiu da escuridão decorridos poucos segundos, aumentada por meio da Arte para chegar até ele.

— Por acaso não tenho nenhuma — respondeu, também recorrendo à Arte. — Eu e a Luthvian raramente conseguíamos manter a cortesia durante a duração de uma visita.

— Mas então para quê ficar com ela?

— A casa pertence à família. Sou responsável por ela.

— Para mim não tem qualquer valor sentimental. Podia atirar uma bola de fogo encantado por uma janela e envolvê-la de poder suficiente para fazer este sítio arder do sótão à cave.

Riu-se baixinho ao virar-se para ela.

— Agradeço a oferta, mas por agora vou manter a casa intacta. — Voltou para trás com dificuldade, até onde ela o esperava.

— Porquê? — Parecia verdadeiramente curiosa.

— Trata-se de uma estrutura boa e sólida que foi construída como Casa de Curandeira. Tem bastante terreno para jardins. Faz falta outra Curandeira em Doun.

— Então pensas alugá-la a uma Curandeira — perguntou Surreal.

Encolheu os ombros e depois disse com serenidade:

— Ou talvez encontre uma professora com a coragem e o coração para a tornar numa residência para crianças que precisem de um lugar seguro.

Remexeu-se, desconfortável por estar a falar sobre uma ideia sobre a qual ainda não falara com ninguém, nem sequer com Marian.

— Então — disse Surreal. — Queres dizer-me porque estou hospedada na Taberna?

— Porque estou a guardar o quarto de hóspedes na casa alcantilada como castigo se começares com queixumes acerca do treino de que precisas — retorquiu.

Atentou no rosto dela, até que abriu as barreiras interiores o suficiente para conseguir sentir um pouco do odor psíquico de Surreal.

Caçadora. Predadora. Assassina. Surpreendeu-o — e deixou-o intrigado.

— Se não gostas, estás à vontade para escolher outro lugar — disse, observando-a com cautela.

— Aquelas escadas não vão ser fáceis para a perna de Rainier — disse ela.
— Pode pairar a subir e a descer, tal como tem feito na sua residência em Amdarh.

— Tudo bem, Yaslana. Vamos parar a dança. Há algum motivo para queres uma faca debaixo do teto da Merry?

Pestanejou. Deu um passo atrás.

— Mas como é que te surgiu uma ideia dessas?

— Olho-de-Tigre e Azul-Celeste à frente de um estabelecimento muito concorrido. Tu a passares por lá pelo menos uma vez por dia. Faz-me pensar se a Merry e o Briggs não precisarão desse tipo de proteção. Faz-me pensar se queres proporcionar proteção sem grande alarido.

Era tentador concordar, era tentador deixá-la manter aquela ideia. Contudo, se o fizesse, mais tarde ou mais cedo a verdade haveria de lhe morder o rabo.

— Não é nada disso. A Senhora Shayne não vai comer à Taberna, mas se lá surgisse algum problema, a sua corte iria ficar a par e trataria do assunto.
— Bufou. — Olha, alguns menosprezam-me por não andar de braço dado com os aristocratas de Riada — ou seja de onde forem. Mas a verdade é que, quando estou entre essa gente, sou o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Os aristocratas jamais esquecem tal coisa. No entanto, quando entro na Taberna, sou o Lucivar. Fazem pouco de mim, ralham comigo, mandam-me fazer recados. Sento-me à mesa com uma malga de guisado e pão que *eu* fui buscar à padaria para a Merry e fico a ouvir as coscuvilhices da aldeia: quem precisa de ajuda, quem precisa de ser vigiado. Ouço acerca de famílias de outras aldeias de Ebon Rih. Ouço tudo o que um aristocrata não ouviria e que muito provavelmente as cortes das Rainhas também não. Se ouvir algo que julgo ser importante que chegue ao conhecimento da Shayne, eu próprio lhe irei dizer.

“Acima de tudo, a Merry e o Briggs são amigos. Não obstante as Joias mais claras, ficariam perfeitamente integrados no Primeiro Círculo de Jaenelle. Por isso, julguei que tu e o Rainier se iriam sentir bem nesse lugar. Se não for esse o caso... — Encolheu os ombros. Marian expressara a preocupação de que quer Surreal quer Rainier frequentavam a sociedade aristocrata em Amdarh e podiam não gostar da Taberna. Quiçá a sua querida feiticeira doméstica tivesse razão nesse ponto.

— Quer dizer que passas por lá diariamente, sempre que estás em casa para manteres a aldeia debaixo de olho e ouvir conversas que possam alertar-te e à Rainha de Riada quanto a algum problema? — perguntou Surreal.

— É isso mesmo.

— Mas que carrada de tretas.

Ficou tenso.

— Perdão?

Soltou uma gargalhada que lembrava um pio.

— És como o raio de um sceltita que escolheu à mão o seu rebanho e a Merry é uma das ovelhas. Pois com certeza, fazes recados e toleras que ralhem contigo, mas aposto que sabes quando chega a altura do início do seu período da lua a cada ciclo e comesças a dar ordens quando consideras que ela está a esforçar-se em demasia. Aposto que até já foste para trás do balcão e serviste bebidas com o Briggs depois de a empurrares escada acima para dormir uma sesta que decidiste fazer-lhe falta.

Apanhado. — Onde queres chegar? — Certamente não iria admitir nada daquilo.

— Estou só a fazer uma observação de que existe um duplo propósito nas tuas visitas à Taberna. É bom saber que não há problema para a Merry ou... — Começou a tossir. Parecia que lhe estavam a arrancar o peito.

Praguejando, puxou-a para junto dele, envolveu-a com as asas de modo a formar um casulo e criou um feitiço de aquecimento em redor de ambos.

— Porra, Surreal. Porque não me contaste a gravidade da tua condição? Podíamos ter conversado lá dentro.

Encostou a testa ao peito dele.

— Não gosto de me sentir fraca. E não estou assim tão doente.

— Estás a tossir sangue? Não tentes enganar-me senão isto vai tornar-se muito desagradável.

— Não há sangue. A Jaenelle ter-te-ia dito se eu andasse a tossir sangue.

— A menos que te esquecesses de lhe dizer.

Riu-se um pouco. Parecia líquido e áspero.

— Não sou parva, Lucivar. Não vou meter-me com a Feiticeira por causa do estado dos meus pulmões.

— Está certo. — Massajou-lhe as costas e esperou que o seu próprio coração voltasse ao ritmo normal. — Olha, quem sabe...

Deu-lhe um murro. Não fora muito convincente uma vez que estava aconchegada nele, mas não deixava de ser um murro.

— É com isto que vais ter de trabalhar — resmungou. — Paciência.

— Lembra-te do que disseste nos dias que te esperam.

— Ah, porra.

Lucivar afastou-se.

— Anda daí, feiticeirinha. Está na hora de te levar de volta ao teu quarto. Aqui os dias começam cedo.

Rainier aguardou no quarto, como lhe fora ordenado. Ao que parecia, Lucivar tinha mais umas quantas coisas a dizer-lhe antes de iniciar oficialmente aquele treino indispensável.

Porém, quando Lucivar bateu à porta e entrou, Rainier sentiu um sobressalto de inquietação porque Saetan entrou com ele.

— Senhor Supremo — cumprimentou Rainier, esforçando-se por se pôr em pé. Onde deixara a maldita bengala?

— Príncipe Rainier — devolveu Saetan. Depois olhou para Lucivar e ergueu uma sobrancelha em guisa de pergunta.

Lucivar olhou fixamente para Rainier antes de se voltar para o pai.

— Lembras-te do meu aspeto quando cheguei a Kaeleer?

— Não é fácil esquecer — disse Saetan ternamente.

Lucivar inclinou a cabeça para Rainier.

— Mostra-lhe. — Saiu do quarto.

Um toque suave de outra mente na primeira barreira interior de Rainier. Uma mente familiar, obscura, poderosa. Hesitou, depois abriu as barreiras interiores deixando a mente vulnerável ao Senhor Supremo do Inferno.

Viu a divisão principal de uma cabana, como se estivesse a ver pelos olhos de Saetan. Viu a memória, mas as emoções não faziam parte dela. Não havia qualquer indicação daquilo que Saetan sentira quando entrara na cabana.

Era um sítio confortável. Não era um lugar onde gostasse de permanecer durante muito tempo, mas serviria perfeitamente para um fim de semana no campo. Nunca lá entrara, mas estava certo de que se tratava da cabana de Jaenelle em Ebon Rih.

A memória prosseguiu enquanto Saetan entrava no quarto, parando a uns passos da cama.

Lucivar.

Nem sequer o Senhor Supremo do Inferno conseguia depurar a memória de emoções de tal forma que fosse capaz de ocultar o choque, a angústia de ver o homem deitado na cama.

Ossos partidos, ombro e costelas. As entranhas a saírem pelo abdómen esgaçado. Uma perna aberta da anca ao joelho. Um pé que pendia de uma forma estranha daquilo que sobrara de um tornozelo.

Porque teria alguém colocado faixas de trapos gordurosos na cama ao lado de um homem tão gravemente ferido?

Não eram trapos, apercebeu-se Rainier, chocado. Asas. Estava a olhar para o que restava das asas de Lucivar.

Saetan afastou-se da mente de Rainier que fechou as barreiras interiores e ficou a olhar atónito para o outro homem durante um minuto antes de conseguir falar.

— Como conseguiu sobreviver?

Saetan suspirou.

— Escolheu. Não queria morrer. Passara cinco anos nas minas de sal de

Pruul. O bolor viscoso destruíra-lhe as asas e os anos de escravidão nas minas de sal tinham causado prejuízos, já para não falar da tortura a que fora sujeito. Conseguiu fugir e dirigiu-se à Pista de Khaldharon. Não estava em forma para percorrer a Pista e ele sabia-o, mas ia morrer como escolhera. Felizmente, nesse dia o Prothvar estava de vigia nos Dragões Adormecidos e trouxe Lucivar para a cabana de Jaenelle. Estava inconsciente, por isso estou certo de que não fez essa escolha conscientemente, mas creio que sentiu a presença de Jaenelle e deu-lhe tudo o que tinha porque ela lhe pediu. Sarou devido à escolha que fez.

Saetan avançou até à porta e abriu-a.

— O Lucivar está lá em baixo se quiseres falar com ele. Se não quiseres, ele vai acabar a bebida e vai para casa.

Rainier aguardou até Saetan sair para sondar o quarto. Dando com a bengala no chão, recorreu à Arte para a fazer pairar até si. Depois, desceu as escadas com cautela.

Lucivar estava sentado a uma mesa, sozinho, a beber uma cerveja.

Como ainda ninguém reparara nele, Rainier ficou ao fundo das escadas a observar as pessoas. Eram, sobretudo, homens, mas também estavam presentes algumas mulheres, tomando uma bebida e conversando. Os olhares de relance na direção de Lucivar eram frequentes e reparou de que mais do que uma pessoa se remexia como se estivesse prestes a juntar-se a ele. No entanto, bastava uma palavra de Briggs ou um toque suave por parte de Merry para desencorajar essa pessoa, dando a entender que o Príncipe queria estar sozinho.

Sabes lá o que isto é. Fora o que dissera. Tal como os outros rapazes e a assembleia, conheceu Lucivar quando o eyrieno viera para o Paço dos SaDiablo com Jaenelle. Um Príncipe dos Senhores da Guerra forte e poderoso no seu auge, Yaslana dominava uma sala mal entrava, pura e simplesmente com a sua presença. Yaslana dominava um campo de batalha só por lá entrar. Como podia ele conciliar o predador que se deslocava com tal graciosidade letal com o corpo despedaçado e partido que sarara contra todas as hipóteses?

Rainier atravessou a sala a mancar. Merry avançou para o intercalar. Depois de um olhar de relance para Lucivar, deixou-o passar e levou-lhe um copo de vinho branco à mesa.

Lucivar observou-o atentamente, dizendo serenamente:

— O meu tornozelo direito dói-me como o raio quando eu o esforço demasiado e tenho alguns ossos que adivinham o tempo que vai fazer, como dizem os mais velhos. É um pequeno preço a pagar por tanto de mim ter sido reconstituído.

Rainier bebericou o vinho, sem saber o que haveria de dizer ou de perguntar.

— O tornozelo aguenta bem a vida diária, até correr atrás do monstri-
nho — disse Lucivar. — Mas aprendi a colocar um escudo em volta do osso
quando estou a treinar ou em combate real. De qualquer forma, como já
estou escudado quando estou em campo, não é possível detetá-lo.

— Trata-se de uma fraqueza de que um adversário poderia tirar partido
— disse Rainier.

Lucivar sorriu-lhe ao seu modo indolente e arrogante.

— Se o adversário sobrevivesse o tempo suficiente. — O sorriso desva-
neceu-se. — Quando despertei daquele sono de cura, Jaenelle disse-me que
não haveria uma segunda hipótese. Esgotara tudo o que eu lhe consegui-
ra dar — e tudo o que ela me conseguira oferecer — na reconstrução das
asas e no tratamento de tudo o resto. Se eu fizesse o que ela me dissesse, o
meu corpo ficaria íntegro e saudável. Se forçasse os músculos que ainda
estava em processo de reconstrução e os danificasse, esses danos seriam
permanentes. — Esvaziou a cerveja. — Tiveste mais do que uma segunda
oportunidade, Rainier, e agora acabou. Se tivesses seguido as instruções que
ela te transmitiu logo de início, terias ficado com um osso que adivinha o
tempo e músculos que te iriam doer se os esforçasses em demasia. Porém,
essa perna ter-se-ia aguentado, até a dançar. Agora, perdeste uma boa parte,
porventura grande parte, pois danificaste os ossos e os músculos que ten-
tavam sarar.

*Quer dizer que ao tentar provar que não era aleijado e não precisava da
pena de ninguém, fiz de mim próprio um aleijado. A amargura dessa verda-
de ardeu-lhe nas entranhas.*

— És um homem com uma perna ferida — disse Lucivar. — Isso não
faz de ti um Príncipe dos Senhores da Guerra inferior — a menos que tam-
bém tenciones mutilar essa parte.

Lucivar empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Ergueu uma mão
em jeito de despedida. Briggs, que se encontrava atrás do balcão, acenou a
cabeça e imitou o gesto.

— Vejo-te amanhã e à Surreal em plena luz — disse Lucivar.

— A que horas é isso? — perguntou Rainier.

— É a perna que está ferida e não a cabeça. Descobre.

Rainier ficou a ver Lucivar a sair da Taberna.

Merry aproximou-se da mesa.

— Desejais algo para comer? Ainda tenho guisado e uma sopa subs-
tancial.

Começou por recusar, apercebendo-se de seguida de que estava com
fome.

— Uma malga de sopa vinha mesmo a calhar.

Ela trouxe a sopa. Bem como um pão pequeno de especiarias e queijo

cremoso. Comeu devagar, degustando os sabores. Enquanto comia, observava as pessoas, em especial Merry e Briggs.

Não estava íntegro. Talvez jamais voltasse a estar. Outros homens tinham enfrentado essa mesma verdade e reconstruído as suas vidas em redor das forças de que ainda dispunham e do trabalho que conseguiam realizar.

Tinham morrido pessoas naquela maldita casa arrepiante de Jenkell. Tinham morrido *crianças* nessa casa por ele não ter as capacidades ou a força para as proteger. O facto de prejudicar a perna julgando estar a contribuir para o seu fortalecimento seria alguma espécie de castigo infligido a si próprio por não ter conseguido proteger e defender?

Mais ninguém o culpava por aqueles que não conseguira salvar. Talvez estivesse na altura de parar de se culpar.